

**Stylete lacaniano** é uma revista digital da EPFCL Brasil. Propõe-se a ser o lugar de gravações e traços, marcas e vestígios que se escrevem por aqueles que - cada um com seu *stylo*, suas tintas e suas cores - estão decididos a sulcaram o campo lacaniano. Sempre terreno de aragem, de cortes, ocos, sulcos e plantios. Aqui recebemos curtos textos, cortes cirúrgicos, curtidas estilosas, além de vídeos, imagens, músicas, áudios, imagens-textos, e outras produções que transmitam aquilo que do inconsciente e do gozo se deposita para cada um como sublimação ou *sinthoma*.



Artigos, ensaios, poesias e vídeos



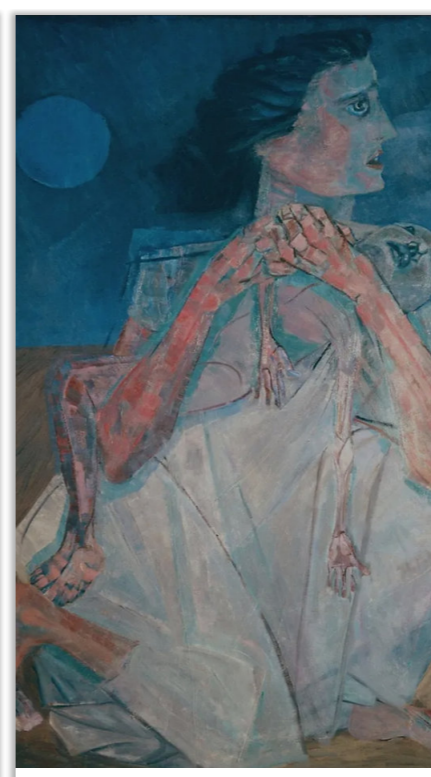
Ana Laura Prat...



Lia Silveira



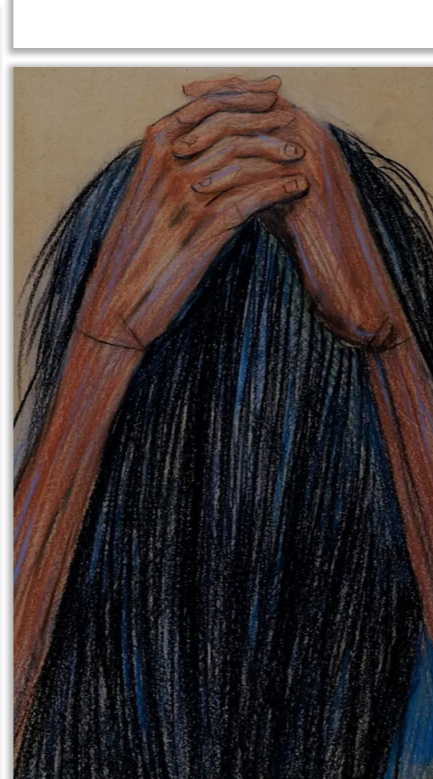
Bárbara Guatim...



Antonio Quinet



Elisabeth da R...



Daniela Chate1...



Robson Mello



Joseane Garcia



Alba Abreu Lima



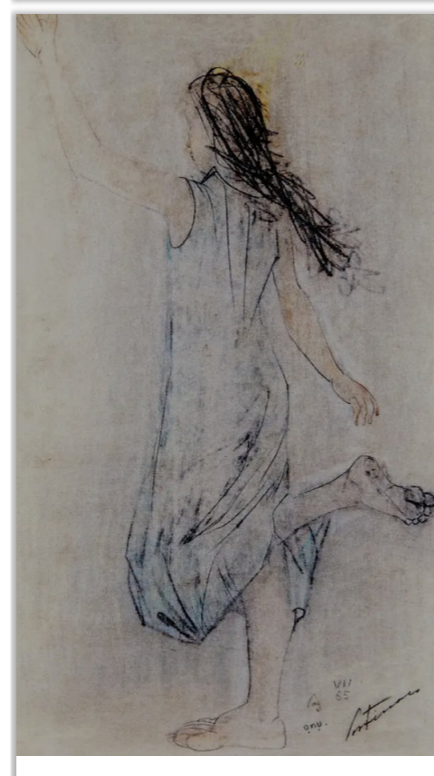
Maria Anita Ca...



Vera Pollo



Andréa Brunetto



Joseana Simone...



Pedro Moacyr



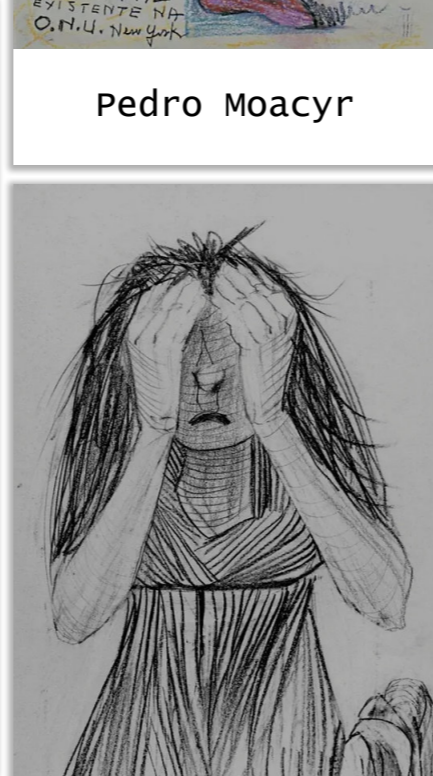
Beatriz Olivei...



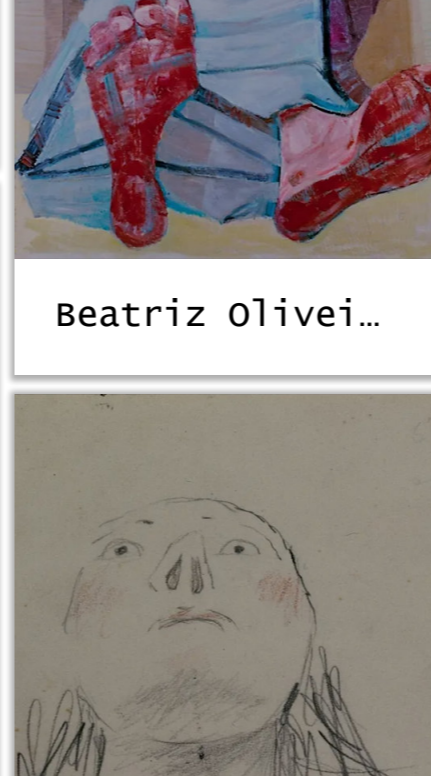
Maria Luisa Ro...



Sandra Monica ...



Dominique Fing...



José Maurício ...



Vera Kemper



Sandra Berta



Sonia Alberti

## Prelúdio I

# O que a paixão que move Antígona ensina a nós psicanalistas

*Ana Laura Prates*

Causada pela urgência do tema de nosso XXII Encontro Nacional da EPFCL-Brasil – “As paixões do ser: amor, ódio, ignorância”, retomo uma vez mais a atualidade de Antígona, tragédia da famosa trilogia tebana de Sófocles, revisitada por Lacan. O que ela nos ensina, ainda, sobre o pathos estrutural do falasser?

Antígona é intransigente! Ela não aceita negociar com Creonte, abrindo mão de sua posição social e de poder em nome daquilo que não se pode aceitar. Tudo, mas isso não: a desumanização de um homem pela recusa da inscrição de seu nome na lápide é um crime contra a humanidade, e isso é inegociável. Antígona não é dada a grandes acordos nacionais, e não cede! Sua resposta ao tirano é um dos versos mais comentados da peça: “sou movida pelo amor, e não pelo ódio”.

Lacan propõe a seguinte questão: “Antígona é levada por uma paixão, e trataremos de saber por qual” (LACAN, 1959-60, p. 308). Ora, se ela é movida pelo amor, não se trata, entretanto, do amor cristão convertido em caridade (caritas). Para o Cristianismo o amor é tomado como uma das três virtudes teológicas, que são indissociáveis e representam a presença do Espírito Santo no homem: fé, esperança e caridade (amor). Elas significam a crença em Deus, a esperança da salvação no reino dos céus e amor a Deus acima de todas as coisas, bem como amar ao próximo como a si mesmo. Assim, segundo Paulo de Tarso, em sua carta aos Coríntios, a maior das virtudes é o amor. A Psicanálise, desde Freud, aponta para o quão insensato é esse mandamento que programa o que Lacan chamou de agressividade imaginária. O Cristianismo retoma a sustentação de um Ser supremo que está posto desde Aristóteles pela via do ser divino: a união a Deus pela via do amor.

Lacan desloca a trindade que faz Um do Cristianismo para uma trindade sustentada por um furo provocado pela perda de ser operada pela linguagem. O ser perdido, ao falar, apenas se realiza pela via das chamadas paixões do ser, as quais veiculam o desejo. São elas: o amor, o ódio e a ignorância. Desde Freud sabemos que amor e ódio são indissociáveis. Na bela poesia de uma canção brasileira, escutamos: “As aparências enganam aos que odeiam e aos que amam. Porque o amor e o ódio se irmanam nas fogueiras das paixões”. A essa dualidade freudiana, situada no plano das pulsões, Lacan introduz um terceiro elemento que se articula ao horror ao saber: a paixão da ignorância.

Se Antígona não se move pelo ódio, o que ela verdadeiramente combate é, justamente, a paixão da ignorância – em muitos casos revestida pelo esquecimento e pelo apagamento da memória. Lacan retoma a figura da Até grega que aponta para ações inflexíveis. Antígona não é caridosa, mas intransigente, inflexível e indignada, o que se revela através de sua posição diante da irmã, Ismênia, logo nos primeiros versos: “O rol de horror está completo: dor, despudor e desonor, que dissabor nos falta. O general promulga um decreto à cidade toda. Sabes algo de seu teor ou desconheces os males que inimigos têm causado a quem ambas amamos? Nada ouvistes?” (versos 5-10/ Trajano Vieira). Ela se insurge, portanto, contra o não querer saber a respeito da desumanização operada pelo tirano, bem como suas consequências para o laço social e a Polis.

Porém, há ainda algo a acrescentar: Lacan ressalta o “aspecto implacável, sem temor e sem piedade (compaixão) que se manifesta, a todo instante, em Antígona” (LACAN, 1959-60, p. 330). Ora, para Aristóteles, uma das principais funções da tragédia era justamente a de oferecer a possibilidade de purgação da compaixão e do horror, pela via da identificação com os conflitos encenados pelas personagens. Antígona, portanto, radicaliza essa experiência através de sua posição. Ela não está “sofrendo junto”, mas absolutamente só, e tampouco teme seu destino trágico. Eis um dos aspectos mais relevantes da aposta de Lacan em propor uma relação de Antígona com o desejo do analista. Ele o faz, articulando a resposta subversiva do analista à demanda de felicidade do analisante. Eis o equívoco colocado desde o início sob transferência, já que não é o final da análise aquilo que nos pedem. O desejo do analista suspende qualquer promessa de realização do ser, introduzindo em seu lugar um desejo prevenido.

Seguindo essa orientação, podemos acompanhar o paradigma de uma nova relação com o tempo, não mais pautada no medo que é a projeção temporal do desconhecido e que programa a paralisia, sendo, portanto, avessa ao ato. É nessa mesma lógica da expectativa diacrônica avessa ao ato que encontraremos, num primeiro momento, a esperança. Poderíamos propor que, se Antígona não é movida pelo medo, tampouco o seria pela esperança. Como canta o coro: “Para muitos a esperança multívaga é dádiva, para muitos, trapaça de Eros volúvel. Insinua-se em quem nada sabe, até que avance o pé no fervor da flama”. Tratar-se-ia, assim, de uma paixão errante, fruto da trapaça do amor e da ignorância.

É o pensamento de Kant que, ao retirar Deus da questão filosófica, introduz a perspectiva do ato entre o saber e a esperança, em “Crítica da Razão Pura” (versões de 1781 e 1787): “Todo o interesse da minha razão (tanto especulativa quanto prática) concentra-se nas seguintes três perguntas: o que posso eu saber? O que devo eu fazer? O que está me permitido esperar?”. É a partir dessas perguntas que Lacan aborda a questão da esperança em Televisão (1974, p. 541): “A única chance que ex-siste decorre apenas do feliz acaso/felicidade (bonheur) com que pretendo dizer que a esperança não adiantará nada, o que basta para torná-la inútil, isto é, para não permiti-la”.

Ora, em Antígona, o paradigma cronológico da linearidade, posteriormente trabalhado por Espinosa (medo/espera) é aquele que cabe a Creonte. Conforme profetiza Tirésias: “Antes de o Sol cumprir um grande rol de circunvoluções, irás trocar cadáver por cadáver de tuas vísceras. (...) Cronos não tarda e logo descortina no paço o choro feminino e másculo” (versos 1064 – 1080). Com efeito, encontramos na história da palavra esperança um parentesco, SPEN – PENDERE, que remete a pêndulo e também dá origem a pênis. SPE, espalhar, é da mesma origem de sperma: a linearidade cronológica de valência invertida entre medo e esperança está sustentada na lógica da contabilidade fálica do que se pode esperar.

Antígona, por sua vez, não se queixa e, tampouco, teme a morte. Sua temporalidade não é pautada pela diacronia da espera, mas pela ética do ato. Para ela: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Seria o caso, entretanto, de nos perguntarmos se não haveria outro tipo de esperança em Antígona e, nesse caso, se haveria uma esperança lacaniana, não avessa ao ato, já que esta é sustentada em outra lógica do tempo que subverte a cronologia linear. Antígona rompe com essa lógica fálica, apresentando sua bela e insuportável imagem, e dando corpo a um desejo incalculável. Como nos lembra Barbai, Antígona traz no nome a ética do ato, um corte: Anti-gona: aquela que se separa do Outro e pode nos ensinar a como extrair da angústia sua certeza por meio de um desejo decidido. Esse é seu antídoto contra a paixão da ignorância, permitindo cingir o horror ao saber. E é também o nosso! Que tenhamos um bom Encontro!

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum São Paulo.

## Prelúdio II Um amor mais digno

*Lia Silveira*

*E se um dia hei de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... pra me encontrar...  
(Florabela Espanca)*

O neurótico é alguém que sofre e, nesse ponto em que brota o sofrimento, convoca o amor como lenitivo. Como na canção de Lupicínio, "julgam que a um lindo futuro, só o amor nesta vida conduz" e, sem saber que se "deixam o céu por ser escuro, vão ao inferno à procura de luz". O inferno das relações amorosas, cenário tão cantado em verso e prosa, institui-se no momento em que, confrontado com a falta no Outro, o sujeito recusa-se a ficar sozinho e recorre às paixões na tentativa de recobrir o rombo que essa experiência deixa em seu ser. É assim que se escrevem cartas de amor, canções de amor, poemas de amor e, na nossa época, toda a mercantilização em torno do Instagr(amável). Ocorre que, apesar de todo esse blá, blá, blá, a verdade paradoxal é que o neurótico não ama ninguém. Para amar é preciso condescender com a castração, enquanto toda sua fantasia amorosa está, de fato, a serviço do não querer saber nada disso.

A análise se aproveita desse pendório para o amor. O analista se oferece para fazer semblante desse complemento buscado e finge acreditar na dor de amor que o sujeito deveras sente. Uma análise pode levar alguém a fazer uma passagem: de uma existência devotada à busca vã por completude para a liberdade de experimentar as dores e as delícias de ser o que é.

No começo, e ao longo de quase toda a jornada, o amor de transferência é o que sustenta o sujeito suposto saber. É ele que move o sujeito a voltar, uma vez e outra e outra ainda, desfilando na bobina da demanda todo o falatório com que supõe poder capturar no Outro aquilo que experimenta como falta. Ao suportar ser tomado nesse lugar, o analista permite que o sujeito aloje aí a miragem do objeto idealizado, instaurando assim a transferência, esse fenômeno que Lacan (1964/2008, p. 139) definiu como "a atualização da realidade sexual do inconsciente". Trata-se da atualização do encontro sempre faltoso, aquilo que não cessa de não se inscrever para o ser falante e que a neurose tenta tamponar, recobrando com a demanda o campo da libido. Essa crença num Outro que responda faz com que esse encontro seja vivido pelo sujeito como angústia, mau encontro, *distychia*.

Ao manter-se afastado do ideal onde é inicialmente situado pelo analisante, o analista vai a contrapelo da demanda, fazendo aparecer o que ela recobria e entregando ao sujeito o a, causa do desejo como sua existência mais radical, acompanhada de seu efeito subjacente de destituição subjetiva.

Perguntamos então: uma vez feita essa passagem que abre para o fim da análise, temos também o fim do amor? Certamente que não. No plano dos relacionamentos, embora a análise não prometa trazer seu amor de volta, com certeza abre os caminhos, torna-os pelo menos possíveis. No entanto, a questão mais importante que fica para a psicanálise é a que recai sobre o que fazer, no fim, com os restos do amor de transferência.

Lacan não concordou com a proposta de que se daria aí uma "liquidação da transferência" (LACAN, 1964/2008, p. 259). Com certeza, liquida-se o engano do sujeito suposto saber, mas não o inconsciente e, portanto, também não se liquida a atualização do encontro faltoso que ele enceta. É nisso que a transferência se mantém enquanto atualização da realidade sexual do inconsciente, mas de um modo singularizado, com a escrita das coordenadas que inscrevem para cada um aquilo que "submete a relação sexual para o ser falante a ser somente o regime do encontro" (LACAN, 1972-73/2008, p. 101).

Contingencialmente, pode-se experimentar aí a apresentação do real de maneira que seja possível ler seus efeitos. Efeitos que se deduzem em termos de afeto, de espanto, de surpresa. Uma marca de gozo que é também marca de um saber adquirido, um saber que não se esquece, pois foi saboreado. Para alguns, essa experiência leva a um desejo que toma a psicanálise como causa. Desejo de que ela persista no mundo e de oferecer-se para ocupar esse lugar ao qual se dirige o amor de transferência (mesmo sabendo a que ele está fadado), para que seus efeitos possam ser experimentados por outros.

Uma vez que se pode assumir a causa, lá onde isso era, esse lugar pode ser revisitado de outra maneira, não mais como empuxo ao falatório do amor de transferência, mas como aquilo que Lacan chamou na nota italiana de "um amor mais digno". Mais digno, porque deixa de demandar, deixa de alojar no outro a responsabilidade, a habilidade de responder diante do encontro faltoso, e se encarrega de inventar algo desse saber que se produz na *hiância*.

Há um dito popular que diz "o amor não desaparece, ele muda de lugar". A Escola é o lugar que Lacan propôs para a experimentação desse amor mais digno. Não só porque é um espaço de trocas e laços, mas especialmente porque funciona como uma espécie de catalizador dessa mobilização de um saber que inclui o encontro faltoso e toca o real. É isso que está em jogo nos dispositivos do cartel e do passe, permitindo que se faça a prova da experiência e se transmita algo dela de um modo que anima todo um trabalho em comunidade.

Que o encontro da EPFCL-Brasil deste ano, primeiro em que esperamos poder voltar a nos encontrar com o corpo depois de tudo que atravessamos, seja *eutychia* e que possamos fazer dele um momento à altura da dignidade que nossa orientação para a Escola requer.

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Fortaleza.

*stylete lacaniano*, ano 7, número 22.

[voltar](#)

## Prelúdio III Paixões em ser...

*Bárbara Guatimosim*

*A lição sabemos de cor  
só nos resta aprender...  
(Beto Guedes / Ronaldo Bastos)*

As paixões do amor, ódio e ignorância são paixões do Eu. Paixões narcísicas em ser. Ser como ele ou ela; ser fulano ou fulana; ser filho de; ser mulher de; ser O!; ser A!; ser mais...

Lacan em seu texto "A agressividade em psicanálise", critica a mentalidade antidialética e objetivante da nossa cultura que "tende a reduzir ao ser do eu toda a atividade subjetiva" (LACAN, 1949/1998, p. 120). Somente uma concepção como esta, pode fazer os sociólogos da "mentalidade primitiva", assim como o antropólogo europeu, se espantarem quando o Bororó profere "eu sou uma arara". Quanto a essa declaração do índio, citamos Lacan nesse mesmo texto: "em nada tem de mais surpreendente para a reflexão que afirmar 'Eu sou médico', ou 'Sou cidadão da república francesa' e, com certeza, apresenta menos dificuldades lógicas do que promulgar 'Eu sou um homem', o que, em seu pleno valor, só pode querer dizer isto: 'Sou semelhante àquele em quem, ao reconhecê-lo como homem, baseio-me para me reconhecer como tal.'" (LACAN, 1949/1998, p. 120).

A paixão que escraviza o sujeito é a "paixão de ser um homem", que é a paixão da alma por excelência: o narcisismo, que impõe sua estrutura a todos os seus desejos, mesmo os mais elevados." (LACAN, 1946/1998, p. 189).

Essa "paixão de ser um homem", ou paixão em ser Um, como na nostalgia da unidade do mito platônico, aciona em seu poder as armas do amor e do ódio, paixões cegas que já carregam nelas mesmas o gozo da ignorância – que poderíamos chamar também gozo negacionista, paixão de não querer saber.

Certo é que, no trabalho da análise, recebemos as paixões do ser em falta via transferência, mas então temos a chance de responder a isso de outra maneira, de modo diferente, por exemplo, de fazer amor, ou de entrar em guerra. Pela ética que nos cabe, só podemos reorientar as paixões para a causa real do desejo que, longe de ser uma "paixão inútil" da existência, nos conduz para além do amódio: ao efeito de ser que promove no ser falante o entusiasmo; à douta ignorância, essa que orienta uma continuada formação, ou deformação, a do psicanalista, e ainda, a um amor mais digno.

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Belo Horizonte.

*stylete lacaniano, ano 7, número 22.*

[voltar](#)

## Prelúdio IV

### A política a comando do ignoródio

*Antonio Quinet*

Com o assassinato, ao mesmo tempo real e emblemático, de Genivaldo Jesus dos Santos, em Sergipe, pela Polícia Rodoviária Federal, numa viatura de polícia, transformando-a num porão de tortura da ditadura militar e numa câmara de gás nazista, chegamos ao cume do terrorismo de Estado comandado pela política de morte. Soma-se a isso a chacina nas comunidades pobres do Rio de Janeiro, como a de Jacarezinho, há um ano, e, recentemente a da Vila Cruzeiro. Sem contar, os mais de 600 mil mortos pela COVID-19, cuja pandemia parece ter caído como uma luva para o projeto fascista do governo atual de destruição da saúde pública, assim como da educação e do bem-estar social.

Estarrecidos, temos assistido vídeos do curso Alfocom, preparatório para o concurso de polícia (divulgados pelo TV 247, Plantão Brasil e outros) que mostram, nas aulas online, métodos de coação, tortura e assassinato, deixando claro que a técnica da morte por asfixia a gás foi ensinada. Será, então, que não se trata de um caso isolado, e sim de um projeto em curso de extermínio programado por uma política do tipo "purificação" da raça branca, da classe média e alta que tem ódio de preto, pobre e, também de mulheres, homossexuais, transsexuais, pessoas com alguma dita deficiência etc.?

O ódio de classe é uma paixão. Terrível e devastadora, ela está impregnada em nossa sociedade escravocrata e racista que, até hoje, é dividida em castas, em que há seres humanos que se julgam de uma raça superior a outros por causa de seu pertencimento de classe ou até mesmo por se identificarem com uma classe mais alta que almejam e fingem pertencer. Há um nome para isso: aporofobia. É um neologismo proposto pela filósofa espanhola Adela Cortina, que o define como: "aversão ao pobre", "sistemática rejeição à pobreza e às pessoas sem recursos" (Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia, Editora Contracorrente, S.P. 2020). A aporofobia – hostilidade, repugnância, rejeição ou ódio – para com os pobres, está intimamente associada, aqui no Brasil, ao racismo, outra paixão nacional.

Aporofobia e racismo são produtos da política comandada pelo ignoródio. A política do mais-de-gozar desvelada pela psicanálise (cf. QUINET, A. A política do psicanalista, Atos e Divãs Edições) nos indica que esses sintomas da civilização derivam do fato de situar o outro (o pobre, o negro, o índio) como um abjeto, um objeto causa de abjeção e horror, objeto causa de ódio, ou melhor dizendo, objeto mais-de-gozar de ódio. O outro aqui é visto não como um semelhante, e sim como dessemelhante, não sendo digno de espelhar o aporofóbico racista como um igual, dificultando, assim, a relação empática imaginária. E, tampouco, é visto como um sujeito com seus desejos, sofrimentos, história, família, descendentes e ascendentes. Não tem, portanto, valor simbólico, nem direito à fala que humaniza. O outro é situado no lugar de mais-de-ódio.

Essa modalidade de ódio é vinculada a outra paixão: a ignorância, que se evidencia na ignorância da alteridade, ou seja, na sua negação, e, também na ignorância da diferença. Se o outro não é igual a mim, não quero nem saber, desconheço sua diferença. Em sua radicalidade da forclusão do outro e sua associação com a paixão do ódio, a ignorância se expressaria assim: Não considero que exista nada diferente de mim e, para varrer da face da terra esses vagabundos que odeio, vou eliminar qualquer forma anômala que, porventura, apareça. O gozo da crueldade para com as vítimas ("favelados", "desdentados", "vagabundos" etc.), tanto por parte dos policiais professores de tortura no cursinho, como dos policiais alunos que serão os futuros guardiões da ordem pública, é concomitante à aviltação dos sujeitos tidos por infratores para, ao dessubjetivá-los, reduzirem-nos a objetos de gozo de sua pulsão de morte até o extermínio.

Será que o fundamento da aporofobia está no horror à pobreza? Ao prender, torturar e até matar o pobre, aquele que quer ser rico estaria tentando eliminar a ameaça da pobreza? Estaria expurgando-a para garantir seu lugar ao sol ao colocar o outro na cova? Até quando essa paixão vai preponderar no discurso do Outro que herdamos e nos estrutura como sociedade? Não podemos pensá-la fora do discurso capitalista e neoliberal que produz, cada vez mais, pobreza e, portanto, mais indivíduos a serem abjetalizados. E, também considerar segundo a interpretação de Achilles Mbembe: "A percepção do Outro como um atentado contra a minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança" (Necropolítica, N-1 Edições, S.P., 2016, p. 19-20).

Não podemos deixar de destacar a permissividade e, até mesmo, o estímulo do discurso oficial, liberando ou autorizando (e, assim, transformando em imperativo: goze!) os policiais a satisfazerem seu gozo sádico nos sacos de pancada humanos em que se transformou parte da população do nosso país. Já ultrapassamos muito o limiar do mal-estar na civilização, parece que estamos no horror, bem para além da angústia, do que seria esperado daquela que um dia chamamos de civilização. Seria esse um dos aspectos da "subjetividade de nossa época" a que estamos hoje submetidos? Eis matéria para reflexão em nosso Encontro Nacional sobre as paixões humanas. Rio de Janeiro, 29 de maio de 2022.

Dados do autor: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Rio de Janeiro.

## Prelúdio VII

# As paixões do ser: amor, ódio e ignorância

*Elisabeth da Rocha Miranda*

O terreno das Paixões do ser de fala – o amor, o ódio e a ignorância – é vastíssimo. Mas o que é o ser humano, como se dizer ser? O que é o ser? Tomemos as primeiras formulações de Lacan sobre a questão do ser.

A noção de ser, desde que tentamos apreendê-la, mostra-se tão inapreensível quanto a palavra. Porque o ser, o verbo mesmo, só existe no registro da palavra. A palavra introduz o oco do ser na textura do real, um e outro se mantêm e oscilam, são exatamente correlativos. (LACAN, Sem. 1 p. 261)

Esse buraco no real chama-se, segundo a maneira pela qual o encaramos, o ser ou o nada." (LACAN, Sem. 1 p. 308)

Já no seminário VI, lemos: "O ser não está em nenhum lugar, a não ser nos intervalos, ali onde ele é o menos significante dos significantes, a saber o corte (...). Se quisermos dar ao ser sua definição mínima, diremos que ele é o real, enquanto que ele se inscreve no simbólico" (LACAN, Sem. 6, p. 408).

São as paixões que tentam dar ao ser um sentido, uma razão, uma significação para o oco do ser, tentam escamotear a castração e a angústia que lhe é própria, castração que tem a morte como protótipo. Eros e Thanatos, pulsões de vida e de morte, que alimentam as paixões, se encontram na busca do retorno a um estado mítico de repouso, de homeostase das excitações ou de fusão narcísica com o outro, a mãe, como das Ding. Mas é justamente a impossibilidade de manutenção desse estado que impõe ao ser de fala a castração, a incompletude, a falta, a perda.

O infans chega ao mundo totalmente assujeitado ao Outro, em dependência absoluta dos cuidados da mãe ou de seus substitutos, e estabelece com esses uma relação narcísica, um idílio narcísico que se romperá com o advento da castração simbólica. Rompimento que leva à eterna busca de reparação nunca alcançada. O ser então se aliena às paixões.

Alienado à paixão da ignorância, do "não quero saber nada disso", o ser se debilita e apela para a lógica do ter, onde o poder adquire um brilho extraordinário capaz de promover verdadeiras atrocidades; desde as guerras pelo domínio do mundo até as intolerâncias para com a alteridade que sempre aponta para o furo, para o oco do ser.

Toda diferença é sufocada, calada e massacrada pela força da paixão da ignorância. O brilho inebriante do poder não só se beneficia como promove o "não quero saber nada disso", utilizando-se dos meios de comunicação, das redes sociais manipuladas para levar seus usuários a não pensarem e seguirem como massa de manobra aqueles que detêm o poder. Influenciadores e influenciados, capturados pelo brilho narcísico da imagem, tentam apagar o real e enfraquecer o simbólico onde a palavra perde seu peso.

Mas onde está o amor pelo saber, esse que se sabe furado, faltante? Foi consumido por algum ter que não pode ser compartilhado com o outro, com o semelhante, sempre rival no registro das imagens.

A paixão do amor tem uma longa história, desde o amor cortês que evita o encontro com o sexo e a conseqüente castração, até o amor pelo poder, que se transforma em paixão de domínio do outro e, conseqüente, ódio a esse outro. Não há amor sem ódio e vice-versa.

Cada época e cada cultura tem seu próprio modo de viver as paixões do ser. Hoje, no século XXI, vivemos o imperativo do consumo, a paixão pelo ter. Eros e Thanatos são consumidos e consomem o mercado. Eros mercantilizado insufla o amor por si mesmo, o narcisismo, e Thanatos insufla o isolamento, o cada um por si, o ódio ao diferente em nome de uma suposta segurança prometida pela paixão da ignorância.

Essas paixões – amor, ódio e ignorância – só podem produzir algo que beneficie o singular de cada sujeito pela via da sublimação e assim conseguir também beneficiar o coletivo.

Convido vocês a discutirem essas, dentre outras questões, no nosso XXII Encontro Nacional em Curitiba nos dias 4, 5 e 6 de novembro de 2022.

Até lá!

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Rio de Janeiro.

## Prelúdio VIII

# Paixão pelo sentido e amor ao signo? Traçando algumas reflexões

*Daniela Scheinkman Chatelard*

A canção francesa: "Que reste-t-il de nous amours"? de Aragon, já nos indagava sobre o amor.

O amor, muitas vezes, é a busca de nosso complemento, é aquilo que nos fascina e seduz no outro. Assim, o sujeito se entrega e se ilude nas promessas, não que o outro faz; mas, que o sujeito, ele mesmo faz. Desde Freud, o amor é colocado sobre o plano do ideal do eu, vindo da imagem, a partir da qual, o outro nos oferece: é o ser do outro que o amor visa. O ideal é esta captação imaginária que toma as suas coordenadas do simbólico. O jogo de palavras que Lacan faz, amódio, traduz a ideia de que o sujeito desconhece amor sem ódio; o ódio sendo a vertente agressiva sobre o amor. Lacan situa o ódio, desde o início, correlacionado à agressividade a qual, por sua vez, está situada na relação especular, a mais fundamental, no mesmo plano do amor. Para isso, Freud se serve do mito de Narciso para introduzir o tema do duplo, a gênese do eu e da paixão mortífera.

Narciso, que também deseja o meu abraço, porque cada vez que estendo meus lábios à água límpida para um beijo, ele se esforça para me trazer sua boca. Parece que posso tocá-lo. A captura amorosa, o outro escapando à dor do amado que se prende pela figura do amante, é do que fala então Narciso: "quem quer que seja você, a criança incomparável, venha aqui brincar comigo"[i].

A terceira paixão, a ignorância – remete o sujeito a uma paixão que coloca em evidência as relações do ser com o saber. Lacan a define como sendo um estado do falasser numa relação fundadora com a verdade. A ignorância diz respeito à uma noção dialética, porque é somente na perspectiva da verdade que ela se constitui como tal. A ignorância vem de par com o mecanismo freudiano Verneinung, negação, o não querer saber da diferença, da castração.

Amódio, Freud já demonstrava desde 1899 e, depois, em 1911, com as referências sobre a paranoia, quando tratava da agressividade e da transformação do amor em ódio. A partir da análise morfossintática da sentença "eu o amo", Freud estabelece: "eu, homem, amo um outro homem". No delírio de perseguição há uma transformação da sentença "eu o amo" em "eu o odeio", seguida da projeção no outro "ele me odeia", o que marca a posição do paranoico. Freud assinala que o mecanismo de projeção é um mecanismo que depende essencialmente do narcisismo e, portanto, do registro imaginário.

O laço e, ao mesmo tempo, o corte entre saber e verdade, uma vez que desta última só se pode semi-dizer, faz com que cada análise seja singular por não se tratar de um único sentido. A psicanálise transcende o sentido, pois se trata de suposição de um sujeito ao saber inconsciente, ou seja, do Sujeito suposto saber, é a tese de Lacan em Introdução à Edição Alemã dos Escritos. E é por isto, sustenta Lacan, que a transferência toma uma nova forma de amor que possibilita introduzir aí a subversão, não que ela seja menos ilusória, mas porque dá a si um parceiro que tem a chance de responder, prossegue Lacan, e que esta chance é da ordem da boa hora, bonheur.

O amor se endereça ao saber, a um saber não sabido, e vai na contramão do sentido, em contraposição à ignorância, a qual faz sua entrada na matriz do discurso com o sentido, e não com o signo: eis o que dá a ideia que convém ter dessa paixão pela ignorância, adverte Lacan. Os oráculos já faziam bom uso do signo, ao nem revelar nem ocultar, mas ao fazer signo: o amor faz signo! O signo faz amor!

Lacan vai buscar no texto de Rimbaud, intitulado A uma Razão, no qual cada versículo termina com "Um novo amor"[ii], o amor aí sendo um signo de que se troca de razão. Mudar de razão seria mudar de discurso, sustenta Lacan em Mais, ainda. Então, mais uma vez, o poeta antecipa o psicanalista, o amor dá a chance ao sujeito de subverter sua posição no discurso, não fazendo relação com o sentido, mas sim, ao fazer laço o sujeito tem a chance de girar de discurso. Ao fazer signo, faz amor! Voltemos ao poeta: "Que reste-t-il de nous amours"?

Referências:

[i] Ovide. Les Métamorphoses. Flammarion. Paris, 1966.

[ii] Lacan, J. Seminário – livro 20 Mais, ainda, p.26, Zahar ed. Rio de Janeiro, 1985.

Brasília, 26 de junho de 2022

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Brasília.

stylete lacaniano. ano 7. número 22.

[voltar](#)



## Prelúdio IX

### Um mais um é sempre mais que dois [1]

#### *Vera Pollo*

Consultados que fomos, um a um, enquanto membros da EPFCL-Brasil, e movidos pelo que vivemos no atual momento, chegamos a uma decisão coletiva: vamos discutir as paixões do ser, vamos falar de amor, de ódio e, também, da paixão pela ignorância, conforme a série proposta por Lacan (1973), em Televisão, logo no início de sua fala.

Não há dúvida de que vivemos dias nefastos, em que somos frequentemente tomados pela indignação e pelo desalento, e parece difícil abordar um afeto alegre, até mesmo um afeto terno. Mas, como expressou recentemente nosso querido poeta Chico Buarque em alguns versos de seu magistral "Que tal um samba?", quem sabe a música, não é mesmo, quem sabe ela nos permita "remediar o estrago" e "esconjuram a ignorância".

Ora, não passou despercebido a Freud[2] que a arte seja ela própria um remédio, e que seu efeito levemente tóxico propicie um antídoto contra o mal-estar. Mas é seu caráter de ato que aqui nos interessa, uma vez que nos remete aos anos de chumbo que marcaram nossa história, por aproximadamente três décadas. A música, como toda manifestação artística, pode ter um efeito catártico, em seu sentido mais rigoroso, que não é o de suprimir nenhum afeto, e sim o de aguçar nossa sensibilidade à compaixão e ao temor. Com... pai... chão... com... paixão... afasta de mim esse cale-se de vinho tinto de sangue! soetra lalingua que é nossa.

O cinema é outra manifestação artística de efeitos semelhantes. Vale a pena assistir "Árvores da Paz", filme recentemente dirigido por Allana Brown[3]. Ele se passa em Ruanda, em 1994, por ocasião do genocídio que matou quase um milhão de pessoas, logo depois da morte de dois presidentes africanos. Ruanda era ocupada por duas etnias, uma favorável à monarquia e bem menos numerosa, os tutsis, outra contrária à monarquia e bem mais numerosa, os hutus. Vizinhas e amigas até aquele momento, as duas etnias se tornaram subitamente inimigas e as pessoas passaram a matar seus antigos amigos da forma mais cruel possível: torturas físicas, assassinatos até mesmo de crianças, estupros coletivos. Os jovens hutus eram transformados em milicianos e recebiam listas com nomes dos opositores políticos a serem exterminados. Durante essa guerra fratricida de oitenta dias, quatro mulheres de diferentes origens – uma hutu grávida, uma tutsi, uma freira e uma jovem norte-americana voluntária de um programa de ajuda – ficaram escondidas em um sótão minúsculo, com um mínimo de comida e de água, ocasionalmente trazidas pelo marido da mulher grávida. Como se isso não bastasse, de onde elas estavam, podiam ouvir os gritos dos que eram presos e mortos. Uma prova de solidariedade e compaixão, é o mínimo que se pode dizer dessa convivência, e o fato é que nenhuma delas morreu durante esse período graças exclusivamente à força do desejo que as unia. Baseado em fatos reais, o filme encerra com a afirmação de que Ruanda é hoje o país que tem o maior número de mulheres ocupando cargos governamentais. Contudo, está longe de ser considerado um exemplo de democracia e de respeito aos direitos humanos. Ainda assim, uma questão se pode levantar: o evento descrito pelo filme não foi um exemplo de que nem todo amor é narcísico?

Sob a pena de Freud (1914)[4], a teoria psicanalítica começa por distinguir entre o amor narcísico e o ana(c)lítico, mas, logo em seguida[5], se depara com a gramática das pulsões, demonstrando que há três formas de contrariar a demanda de amor: o ódio, a indiferença, e a simples troca de voz do verbo, passando da voz passiva para a ativa, do lugar de objeto amado à posição de amante. Nos termos de Lacan (1960)[6], o que acontece nesta inversão do verbo é justamente o "milagre da transferência", tal qual Platão o descrevera em seu Banquete, durante o qual Sócrates irá dizer que é Diótima, a sábia adivinha, quem fala por sua boca, para dizer que Eros, filho de Poros e Pênia, não pode ser um deus, pois "como pode ser um deus um ente desprovido de coisas boas e belas?" (Platão, 1956, p.25).[7] Comemorava-se a premiação de Agatão, como o maior poeta trágico.

Foi, todavia, não um trágico, mas um poeta cômico, Aristófanes, quem, na Grécia Antiga, ao escrever a peça Assembleia das Mulheres[8], idealizou o que fariam as mulheres se tomassem o poder. O poeta construiu a cena em que as mulheres atenienses, travestidas de homens, ocupariam o congresso pela madrugada, para redigir um novo Código. O Estado deveria alimentar, prover moradia e tomar conta de cada ateniense. Cada homem se deitaria com qualquer mulher de sua escolha, desde que se deitasse primeiro com uma mulher mais feia e bem mais velha do que a escolhida. A propriedade privada seria abolida e se implantaria na Grécia um primeiro e bem-sucedido comunismo.

Se Aristófanes nos faz rir, é que o amor, aliando-se ao desejo e, conseqüentemente, à falta, é sobretudo um afeto tragicômico. Mais do que isso, a peça teatral também demonstra que "não há relação/proporção sexual que se possa escrever", o que não nos impede, antes facilita, que se inventem palavras e atos de amor. "Falar de amor é poesia" (Lacan, 1972-73)[9], e nem todo ato é "perversão polimorfa de macho". Pois o filme "Árvores da Paz", assim como a comédia de Aristófanes, remetem-nos ambos à diferença, trabalhada por Lacan (1964) em um dos capítulos finais de O Seminário, livro 11[10], entre a soma e a reunião. Lançando mão dos círculos de Euler, para produzir a interseção dos dois conjuntos do Ser e do Sentido, Lacan comenta que, no vel lógico da operação de alienação não se contam os elementos que se localizam na interseção dos dois conjuntos, pois esta interseção corresponde exatamente ao non sense em que se funda o inconsciente, em seu estatuto de hiância entre o sujeito e o Outro. Logo, a alienação reúne, mas não soma.

A separação tampouco soma, já que corresponde justamente à divisão que o objeto causa promove no sujeito e o singulariza. Talvez possamos conceber um amor que some, assim como propõe Ailton Krenak[11], autor de vários livros, dentre eles, de "A vida não é útil", no qual podemos ler a frase que usei como epígrafe: "Um mais um é sempre mais que dois". Então, que sejamos muitos, para que possamos rir e enfrentar o discurso do mestre sempre agenciado pelo imperativo do Um, que pode ser inclusive a morte, com nosso discurso de analistas, em que 4+1 já significa mais do que cinco.

Então, que sejamos muitos, para que possamos rir e enfrentar o discurso do mestre sempre agenciado pelo imperativo do Um, que pode ser inclusive a morte, com nosso discurso de analistas, em que 4+1 já significa mais do que cinco.

Resto a concluir as observações finais de Lacan no Seminário 11: o desejo do analista pode levar à diferença absoluta, e esta pode fazer surgir a significação de um amor sem limites, fora da lei. Amor do objeto a? Em ti, mais do que tu.

Rio de Janeiro, 26 de junho de 2022.

#### Referências:

- [1] Frase de Ailton Krenak.
- [2] Freud, S. (1929) O mal-estar na cultura.
- [3] Este filme pode ser visto no Netflix.
- [4] Freud, S. (1914) Para introduzir o narcisismo.
- [5] Freud, S. (1915) As pulsões e seus destinos.
- [6] Lacan, J. (1960-61) O Seminário, livro 8: a transferência.
- [7] Platão. O banquete. São Paulo: Cultrix, 1956.
- [8] Também traduzida como "As Mulheres na Assembleia" ou até "A Revolução das Mulheres", essa comédia foi encenada pela primeira vez em Atenas, em 392 a.C.
- [9] Lacan, J. (1972-73) O Seminário, livro 20: mais, ainda.
- [10] Lacan, J. (1964) O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.
- [11] Líder indígena e ativista ambientalista, autor também de "O amanhã não está à venda", "Ideias para adiar o fim do mundo" e outros livros, os quais têm sido traduzidos em várias línguas.

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Rio de Janeiro.

## Prelúdio X

### De ódio o inferno está cheio

*Andréa Brunetto*

Na Divina Comédia, Dante Alighieri escreve que o inferno é o lugar de um eterno exílio, quem lá caiu não retorna. Por isso, Dante coloca o grande poeta Virgílio como seu guia nessa descida: ele guiou o herói troiano Enéas e o ajudou a voltar. Quando, no décimo compartimento do oitavo círculo, é perguntado a Virgílio quem és, ele responde: "eu sou aquele quem de círculo em círculo esse homem vivo guia."<sup>1</sup>

O inferno é o reino do Mal e esse mal desliza metonimicamente, infinitamente. De círculo em círculo abundam os nomes que começam com Mal. São oito círculos chamados de Malebolge, as valas do mal, que significa uma grande caverna com formato de funil. E tem Malebranche, Malacoda. E Gianciotto Malatesta que matou o irmão, Paulo Malatesta. Também, Malatestino, um tirano que mandou matar Montagna. "Todo Mal, que no céu cólera acende, injustiça há por fim, que o dono alheio, usando fraude ou violência, tende. Próprio do homem por ser da fraude o meio."<sup>2</sup>

O Inferno é o Mal que "circunda o tormento", é cheio de homens de poder, políticos, reis violentos, usurários, aqueles apegados ao poder e ao dinheiro. Alexandre, que Dante não marca como o grande, porque lá no Inferno não o é, que em nome de poder se movia; Felipe, o belo (esse adjetivo, ele mantém), rei da França; Papa Nicolau III; Frederico II, da Prússia, dentre outros.

Também está no Inferno, Ulisses, o viajante, que foi para o mundo e deixou o filho crescendo, o pai morrendo e a mulher esperando. Foi ver o mundo, tinha muitas ambições e queria glórias. E Jasão, outro casado com suas ambições, quem perjurou como ele, terá pena dura, escreve Dante. Medéia está vingada. Aliás, podemos nos perguntar o porquê Medéia não está no círculo dos luxuriosos, os que amavam desmedidamente. Também não está entre os vingativos, e o inferno, deles, está cheio. Dante dá até a ela esse gosto de se sentir vingada e não a coloca no inferno. Mas disso trataremos em Curitiba.

De gula, ira, ambição e mágoas, o Inferno está cheio. "Ó cega humanidade, quanta ignorância a mente vos ofende".<sup>3</sup> Dante salienta essa paixão do ser humano pela ignorância. Almas cheias de orgulho lá estão, que bravejam raivas possuídas, almas devoradas pela ira. Aliás, o ódio é abundante em vários cantos do Inferno. Ele circula por tudo, tornando o Inferno cheio de seres raivosos. Não tem um canto em que não apareça uma personagem afundada no ódio, irrosa. Disso, o Inferno está cheio, o que justifica que Freud tenha escrito para o ódio, Lúcifer, o anjo rebelde, o que se rebelou ao pai, e de linda e brilhante criatura, se enfeiou no ódio. Aliás, o Inferno está cheio dos odiosos que se rebelaram ao pai, como Absalão, Féton, dentre outros, além de Lúcifer, claro. Dante poderia ter criado um círculo só para eles.

Para finalizar, um exemplo de um odioso, afogado em seu tormento. O Minotauro está em guarda no sétimo círculo. Vencida a ira dele, chegam os poetas ao rio de sangue. "De Creta o monstro infame se estendia, apenas viu-nos, se mordeu fremente, como quem pela raiva é devorado".<sup>4</sup> Dante marca que os raivosos têm as bocas escancaradas, que o ódio vai mordendo e devorando. Também, escreve sobre algumas almas que "virão a sangue após ódio excessivo." Mais adiante, Virgílio mostra a Dante, no pântano, as sombras: "são almas, filho meu, são os que venceram a ira. Com dentes, laceravam-se raivosas."<sup>5</sup> Dante marca nos odiosos a ligação da agressividade com uma oralidade, que morde, devora, sadicamente. Entendo isso que ele chamou de ódio excessivo como um imaginário louco, desvairado, sem mediação do simbólico. E o imaginário, sabemos desde O Seminário, livro 3: As psicoses (LACAN, 1955-1956), é agressivo e erótico. Uma paixão. E se não puder ser dialetizada pelo simbólico, se torna excessiva e envolve, então, morder, devorar, comer, rasgar com os dentes o outro.

Lacan afirma que basta escutar as brincadeiras e as fabulações das crianças, com suas bonecas desmanteladas, para saber dessa agressividade que toca o desmembramento do corpo. Ou então os quadros de Bosh, que são como atlas das imagens terríficas que atormentam os homens.

Essa agressividade é a irmã-gêmea do ódio. Lacan mostra com o Estádio do espelho a intenção agressiva que reside na imago. E passa a nos explicar a agressividade imersa nos transitivismos tão comuns nas crianças pequenas. E Em O Seminário, livro 2 (1954-1955, p. 306), Lacan sustenta que não basta que tenhamos esse imaginário para que sejamos homens – é por isso que nesse seminário tem tantos exemplos do imaginário nos animais. "Podemos ser ainda essa coisa intermediária que se chama louco. Louco é justamente aquele que adere a esse imaginário, pura e simplesmente."

Em contraposição ao ódio que pode ser louco, a aderência a um imaginário "pura e simplesmente" – o que poderíamos, com Freud, dizer pulsão de morte – lembro a todos que Lacan chamará o ódio de o sentimento mais lúcido. Louco ou lúcido? Infernal, certamente, mas diferente de Dante, apostamos, com Freud e Lacan, que dele é possível sair.

Mas repito a pergunta que só responderei em Curitiba: O ódio é louco ou lúcido? Espero todos lá.

Referências:

1 Alighieri, D. A Divina Comédia. São Paulo: Atena Editora, 1957, p 151.

2 Ibid., p. 62.

3 Ibid., p. 44.

4 Alighieri, D. A Divina Comédia. Op. Cit., p 44.

5 Ibid., p. 45.

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Juiz de Fortaleza.

*stylete lacaniano*, ano 7, número 22.

[voltar](#)

## Prelúdio XIV

# Amor, ódio, ignorância contra as mulheres

*Joseana Simone Deckmann Lima*

Um olhar, o de Beatriz, ou seja, um tantinho de nada, um batimento de pálpebras e o requintado dejetivo daí resultante, e eis surgido o Outro que só devemos identificar com o gozo dela, o gozo que o poeta, Dante, não pode satisfazer – já que dela só pode ter esse olhar, só esse objeto (LACAN, 1973, p. 26).

Que cada um ponha algo de si (Lacan, 1953-54, p. 15-16). Respondendo a esta convocação, vim aqui trazer um recorte, um work in progress, para falar do tema que nos movimenta neste ano. Abordarei amor, ódio e ignorância contra as mulheres, representantes, mas não as únicas, desse campo aberto não-todo fálico (Lacan, 1972-73), que vem sendo atacado de inúmeras maneiras pelo des-governo atual.

As artes retratam, em diferentes tempos, um mal-estar (sintoma) na civilização (Freud, 1930/2020) e suas vestes em cada época, como no filme *A vida invisível*, dirigido por Karim Ainouz (premiado como o melhor filme estrangeiro no Festival de Cannes de 2019), baseado no livro *A vida invisível* de Eurídice Gusmão, da pernambucana Martha Batalha. Segundo a autora, trata-se de: "um melodrama com personagens marcantes, cenários opressores e decadentes como o próprio machismo".

O filme se passa no Rio de Janeiro, em 1950. Eurídice, 18, e Guida, 20, são irmãs inseparáveis: uma sonha se tornar pianista profissional, a outra, viver uma grande história de amor. Distanciadas por uma série de acasos, as irmãs nunca desistem de se reencontrar.

Num tempo anterior à criação da pílula anticoncepcional, a mulher ainda permanecia sem escolha, a maternidade seria o destino... Eurídice tentou evitar ter filhos, pois havia um desejo de tornar-se uma grande pianista.

Ela consegue realizar a audição e passa em primeiro lugar. É um dia de intenso entusiasmo, mas a conquista é ridicularizada pelo marido, Antenor, que indaga o que ela quer: acaso quer que eu fique em casa cuidando da nossa filha? O amor narcísico não concebe que ali haja um sujeito. Ele, indignado, pergunta: Pra que isso Nissinha? Ela responde: Quando estou tocando eu sumo. Evidencia-se um desencontro dos afetos, tal qual a alusão de Lacan à Dante Alighiere, citado na epígrafe acima. Antenor deseja reter seu objeto (a), que escapa. Há algo na arte, um in-corpor-arte, um en corps, para além do tempo e do espaço, nestes momentos em que Eurídice entrega-se aos devaneios, a um não-ser, que a aproxima da irmã desejanse.

Eurídice, aquela cujo desejo está além... sempre no horizonte, ao deparar-se com o engodo familiar ao qual foi submetida, tem um acting out, fora da linguagem, e logo após é entregue ao discurso da ciência. Permanece internada e altamente medicada para um tratamento de depressão, alienada de seu desejo. Eurídice segue obediente ao desejo do pai e do marido. Cumpriria afinal o destino traçado para as mulheres?

Guida, por outro lado, foi a irmã que escolheu a via do desejo, permaneceu à margem, sem que seu nome pudesse ser pronunciado no meio familiar, e pôs-se a escrever, mesmo sem saber se um dia as cartas chegariam ao seu destino.

Hoje, já tendo conquistado vários direitos pelos quais muitas mulheres lutaram, muito ainda falta para ser conquistado. As estatísticas apontam que o Brasil é o 5º país em feminicídio do mundo e, na pandemia, houve um incremento nas denúncias de violência doméstica. É o que assistimos diariamente nas inúmeras notícias que circulam pelas redes sociais. O abuso contra a mulher acontece desde sempre, e "não cessa de se inscrever" em diferentes tipos e graus de violência: ameaças, ridicularização. Imposição de gravidez, violação da intimidade, exposição da vida íntima... em alguns casos culmina em morte. O que é preciso para romper o ciclo? Como escapar do aprisionamento?

Amor, ódio e ignorância em relação às mulheres: amor narcísico que a coloca no lugar de objeto amado e odiado; ódio ao hétero (Quinet, 2009) – aquele/a que não se deixa submeter, de todo, à lógica fálica; e ignorância, como um não querer saber nada desse gozo Outro, estrangeiro, estranho, que remeteria à falha do próprio ser, à castração do ser falante.

Admitir que há um des-encontro estrutural, onde o afeto pode "não encontrar alojamento, pelo menos não a seu gosto" (LACAN, 1973, p. 526), é levar em conta que há um sujeito desejanse, há um par-lêtre (Lacan, 1975-76), quem sabe aí seja possível um amor novo, fora das amarras da neurose.

#### Referências:

- FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na cultura e outros escritos – Cultura, Sociedade, Religião Obras Incompletas de Sigmund Freud. Org. apresentação e notas Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares. São Paulo: Autêntica, 2020.  
LACAN, Jacques. (1953-1954). O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.  
LACAN, Jacques. (1972-73). O Seminário, livro 20: mais ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.  
LACAN, Jacques. (1973). Televisão. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.  
QUINET, Antonio. A estranheza da psicanálise: A Escola de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Joinville.

*stylete lacaniano*, ano 7, número 22.

[voltar](#)

## Prelúdio XV

### Para além da paixão há solidão... e despertar

*Pedro Moacyr*

*"Triste é viver na solidão  
Na dor cruel de uma paixão  
Triste é saber que ninguém  
Pode viver de ilusão  
Que nunca vai ser nunca vai dar  
O sonhador tem que acordar"  
(Tom Jobim)*

No (Tom) de Jobim, os versos cantam a tristeza e a solidão do amante apaixonado diante da tentativa de sustentar a ilusão de fazer existir a relação sexual. Ao problematizar as paixões da alma, Lacan articula a tristeza à rejeição ao saber[1], a um "nada querer saber sobre isso", sobre a castração. A face da dor, que em uma paixão se revela "cruel", evidencia sua vertente imaginária, da ilusão, cujo destino é pade(S)er no paraíso. O encontro da outra metade, pensado por Aristóteles, é sempre faltoso e revela a verdade de care(S)er da plenitude de dois fazer um. Cru é o vel alienante das paixões do ser, uma vez que tentam obliterar o furo do encontro entre os conjuntos do ser e do Outro[2]. A descompletude é estrutural do ser falante, um dos nomes para o desamparo (Hilfflosigkeit) evidenciado por Freud.

No polo oposto ao da tristeza está o gaio issaber [gay sçavoir], que roça de perto o sentido e leva ao gozo do deciframento. O saber suposto ao inconsciente marca a presença do analista na transferência e o início da análise pela via do amor. A operação pela lógica do significante oferta um tratamento rumo ao "que nunca vai ser, nunca vai dar"... Assim, uma análise conduz não à ilusão da união plena, da vertente do amor paixão, e menos ainda à infinita decifração, mas a deparar-se com o fracasso do saber suposto ao sujeito (que é do inconsciente). Soler[3] lembra que há um reajuste nas fórmulas das paixões do ser a partir da década de 70. Verificamos também um passo a mais na elaboração sobre a noção de inconsciente. Da linguagem ao real de lalíngua, Lacan passa a tratá-lo como "apenas um termo metafórico para designar o saber que só se sustenta ao se apresentar como impossível"[4], confirmando-o como discurso real. É a emergência do real que faz o "sonhador" despertar para o fato de o amor ser impossível!![5]

Freud[6] sublinha que o sono é o guardião do sonho: dormimos para sonhar, no entanto, despertamos para continuar sonhando. As psicoterapias são propostas para funcionarem pela via de pôr (per via di porre) [7] e conduzem o paciente a outro sonho, visam uma paixão substituta, e, por isso, levam "ao pior"[8]. Uma psicanálise opera per via di levare e se tapeia caso recorra ao sentido, pois ela aponta para o despertar! Ponto furado, em torno do qual o trabalho analítico se ocupa e trava sua política (da falta a ser[9]). As paixões (pathos) tomam lugar no padecimento da falta a ser: amor, ódio e ignorância. A tristeza, do lado da ignorância, pode ser a ponta, não do iceberg (como muitos autores equivocadamente tramam o inconsciente freudiano), mas da solidão. Diferente daquela que causa a "dor cruel" descrita pelo poeta, afeita à ilusão e à paixão, a solidão aqui é a da ruptura do saber (o que se articula e bordeia o real). O simbólico faz pare(S)er, parece dar um suporte de ser, pois o ser de fala é solitário na medida em que "quem fala só tem a ver com a solidão"[10]. Ela implica o impossível, real não nomeável ou partilhável, esse "Um-aí (...) que se manifesta como ex-sistente – o saber, digo, de um real do Um-todo-só [Um-tout-seul], totalmente sozinho, todo-só onde se diria a relação"[11]. Solidão partidária do entusiasmo que Lacan articula ao fim de análise e ao desejo do analista.

Uma análise tem efeitos de um saber fazer com o real que suporte o "todo-só" inerente ao falasser, uma clínica do ato no campo do gozo. A Escola proposta por Lacan trabalha, em intensão e extensão[12], para garantir a manutenção da pergunta sobre a formação do analista e para que a experiência analítica possa incidir discursivamente na pólis. No Campo Lacaniano, a intensão é função da Escola[13], que é dos Fóruns, cujo trabalho de extensão objetiva a presentificação do discurso analítico no mundo. Que Curitiba seja campo de bons encontros e produções singulares que nos despertem e transmitam o des-ser da experiência analítica, na solidão de cada um, mas não sem outros no caminho de bem-dizer a experiência.

#### Referências:

- [1] Lacan, J. (1973). Televisão. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- [2] Lacan, J. (1972-73). O Seminário: livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- [3] Soler, C. Os afetos Lacanianos. São Paulo: Aller, 2022.
- [4] Lacan, J. (1973). Radiofonia. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. P. 423
- [5] Lacan, J. (1972-73). O Seminário: livro 20. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zhar, 1985. P. 117.
- [6] Freud, S. (1900). La interpretación de los sueños (segunda parte). In: FREUD, S. Obras Completas Sigmund Freud. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. v. 5
- [7] Freud S. (1905). Sobre psicoterapia. In: FREUD, S. Obras Completas Sigmund Freud. Buenos Aires: Amorrortu, 2008. v. 7
- [8] Lacan, J. (1973). Televisão. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. P. 513
- [9] Lacan, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- [10] Lacan, J. (1972-73). O Seminário: livro 20. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 163
- [11] Lacan, J. (1972). ... ou pior. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. P. 547.
- [12] Lacan, J. (1972). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. P. 547.
- [13] Segundo texto proposto pelo Colegiado Internacional da Garantia (CIG) recentemente incluído como adendo ao texto dos Princípios.

Dados do autor: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Região Serrana/RJ.

## Prelúdio XVI

# Da paixão da ignorância ao desejo de saber: um passo do psicanalista

*Beatriz Oliveira*

No início, a paixão da ignorância, um suposto saber que nos coloca no laço de amor transferencial, estratégia neurótica do sujeito para não querer saber nada sobre sua própria divisão. Nos equivocamos pelo amor à verdade mentirosa e assim, ao longo de uma análise, buscamos decifrar nossos ditos e encontrar sentidos, sempre mais, ainda, mais ...

Como sair desta ignorância que nos aliena e faz sombra ao Real em jogo na direção de uma análise?

Aprendemos...

...que a psicanálise é subversiva, que opera no avesso do Um que faz o grupo;

...que desde o início de seu ensino, Lacan se posiciona contrário ao automatismo das regras pré-estabelecidas do que seria um analista: uma ousadia em relação ao inconsciente sendo seu tempo lógico e topológico seu espaço;

...que a estratégia e a tática da transferência se orientam por uma política da falta-a-ser avessa aos discursos psicológicos do Eu e uma ética radical quanto ao gozo próprio de cada um;

...que a pergunta introduzida por Freud a respeito do fim (término e finalidade) das análises, Lacan buscou responder até o seu último seminário, sendo esta uma das razões de propor uma Escola: onde a intensão e a extensão da psicanálise fossem transmissíveis;

Aprendemos... tantas leituras, discussões, cartéis na tentativa de apreender um pouco mais sobre isso que nos move, nos desacomoda, incomoda e angustia. Mas não basta aprender, é preciso colocar-se à prova ao longo de uma análise para se deparar com esse passo de analisante a analista.

Aí está a questão que não se responde a não ser um a um. Trata-se de um ato absolutamente singular de cada sujeito o qual, depois de tantas voltas em sua própria análise, se depara com o horror de saber que não há relação sexual, furo "cujo acesso, a linguagem obstrui ao ser falante" [1]

O que está em jogo naquilo que levaria o analisante a este ponto pivô de cernir o horror a saber é justamente se deparar com o fato de que o objeto que sustentou sua travessia é um vazio, um vazio que opera, diante do qual se decide a saída, já que é um impossível de acesso ao Outro ao qual o sujeito consente. A aposta de Lacan então é de uma outra relação com o saber inconsciente, saber sem sujeito, um saber sobre o impossível. Esse ato de passagem não é predicável, mas sim seus efeitos; "um saber que só se revela como legível"[2], um saber no Real. O que nos leva a pensar que uma das consequências do passe a analista é justamente um outro saber, não mais suposto no Outro, mas "que deve levar em conta o saber no Real"[3].

Na "Nota aos Italianos" Lacan dirá que só existe analista se o desejo de saber lhe advier, saber não mais encoberto pelo amor à verdade, mas ignorado pela "pretensão humanidade", da qual o analista é rebotalho. Um desejo de saber, inédito, que passou pela experiência desse horror, de cernir o Real que faz três e nos lança no luto da radical destituição subjetiva, diante da impossibilidade de fazer par com o Outro. Um, um, um só diante de seu passo de saída desse im-passe de uma análise.

Se a psicanálise é o que se espera de um psicanalista, como nos indicou Lacan, então há que ser psicanalista para não ser tolo das paixões do ser: um outro saber, um outro amor, novos laços.

Que nosso Encontro seja uma oportunidade de colocarmos à prova nossa relação com o que pudemos aprender não só com a psicanálise, mas também com o saber do psicanalista.

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum São Paulo.

*stylete lacaniano. ano 7. número 22.*

[voltar](#)

## Prelúdio XIII

### A psicanálise sobreviverá...

*Maria Luisa Rodriguez*

É na junção do real e do simbólico que se situa a ignorância, conforme Lacan desenvolve em O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Situada entre o real e o simbólico, a paixão pela ignorância se refere à relação entre o sujeito e o saber, e nos cabe interrogar: de que saber se trata em relação ao suposto saber do discurso da ciência? Se para o psicanalista a paixão pela ignorância se refere ao que Lacan vai referir como douda ignorância, que opera a serviço do saber que pode ser construído em uma análise, de forma oposta, ela pode operar a partir do discurso da ciência, na direção do que Antonio Quinet denominou o ignoródio.

Lacan apontou, de forma quase profética, a intensificação dos processos de segregação como uma tendência crescente na contemporaneidade. Ele chegou a prever que o nazismo não era um acidente no caminho do processo civilizatório, mas deveria ser visto como o precursor de um processo desencadeado pelo remanejamento dos grupos sociais pela ciência, que faria com que "nosso futuro de mercados comuns encontrasse seu equilíbrio na extensão, cada vez mais dura, dos processos de segregação" (Lacan, 1968, p. 29).

O fascismo foi fortemente influenciado pelo eugenismo, criado por Francis Galton, um primo de Charles Darwin, que, a partir da descoberta da seleção natural, propôs a seleção artificial para o aprimoramento da população humana. Galton foi o inventor da psicometria, e introduziu a aplicação de estatísticas para o estudo da inteligência e outros estudos antropométricos, que tiveram notável influência no campo da psicologia, vindo a constar em suas grades curriculares nas universidades.

Os eugenistas pretendiam aprimorar a raça humana através da educação higiênica e sanitária, a seleção de imigrantes, a educação sexual, o controle matrimonial e da reprodução humana e outras ações que visavam os temas da miscigenação, branqueamento e a regeneração racial.

Parece que estamos falando de coisas que aconteceram na Alemanha nazista, mas não só. Contrariando o mito de democracia racial no Brasil, tivemos um importante movimento eugenista por aqui. Para as elites brasileiras, a eugenia era um símbolo de modernidade, uma ferramenta científica capaz de colocar o Brasil no trilho do progresso.

O movimento eugenista brasileiro manteve forte relação com campanhas sanitárias e educacionais, tendo, entre os principais entusiastas, figuras prestigiadas da nossa intelectualidade, como Miguel Couto, Heitor Carrilho e Monteiro Lobato, entre outros. Defendendo propostas de esterilização e segregação, o movimento eugênico brasileiro se dividia entre a negação do valor da miscigenação para a melhoria da raça e a proposta de branqueamento da raça através dela. Num ou no outro caso, se tratava sempre do controle dos corpos para fins de interesse do estado. É impressionante constatar como, travestido de conhecimento científico, o ignoródio, conforme a expressão criada por Antonio Quinet para falar da junção das paixões do ser do ódio e da ignorância, pode servir para sustentar as políticas de segregação e violência do fascismo.

As práticas de segregação e violência sempre estiveram entre nós e recrudescem de tempos em tempos. Atualmente, assistimos a ascensão no Brasil de um projeto político autoritário, segregador e violento que foi instituído a partir de 2016, na onda do avanço do cinismo neo-liberal em todo o mundo. Ele tem como forte aliado o crescimento assustador do fundamentalismo religioso, em todas as classes sociais, com suas propostas de ascetismo, abstinências, e prescrições de todo tipo, impondo um rígido controle dos comportamentos sociais e da vida privada. E hoje assistimos estarecidos as tentativas de apropriação da área psi por esse discurso religioso, a serviço do discurso capitalista.

Desde a década de 1990, temos travado um esforço no sentido de demarcar nossa diferença e discordância em relação aos graves desvios da formação psicanalítica oferecida por grupos vinculados às igrejas evangélicas que têm se apropriado do significante psicanálise a fim de utilizar de forma isolada e restritiva alguns conceitos e práticas do nosso campo como mais um instrumento de controle, dominação e ampliação de seu campo de influência. Esforço este que nos levou à criação da Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, inclusive para barrar uma tentativa de regulamentação da profissão de Psicanalista pelo Estado.

Em entrevista realizada recentemente em Buenos Aires, Colette Soler afirmou que a psicanálise é a herdeira dos direitos humanos, pois o discurso do analista é incompatível com qualquer forma de totalitarismo. Mas a política da psicanálise é a que construímos a partir da nossa prática clínica, a política do sintoma, que aponta para o que há de mais singular em cada sujeito, o gozo, que não sendo coletivizável, no entanto, pode fazer laço. É a política do bem dizer que implica a defesa intransigente dos direitos, situando-se politicamente contra os discursos que fazem obstáculo ao que é mais próprio de cada um, à sua forma de gozar.

Lacan prevê que a religião triunfará no mundo e que a Psicanálise, sobreviverá ou não! E que isso depende dos psicanalistas. Precisamos nos assegurar de que ela sobreviva! É com essa disposição que nos lançamos ao trabalho e convidamos a todos para o nosso XXII Encontro Nacional da EPFCL Brasil.

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Nova Iguaçu.

*stylete lacaniano ano 7 número 22.*

[voltar](#)

## Prelúdio XVII Pelos caminhos das paixões do ser

*Sandra Monica del Rio*

*“Desde que me cansei de procurar,  
aprendi a encontrar;  
Desde que o vento começou a soprar-me na face,  
velejo com todos os ventos.”  
(Friedrich Nietzsche)*

No momento do convite para escrever este prelúdio, me encontrava comovida por um acontecimento recente na Argentina: a tentativa de assassinato da vice-presidenta com uma arma de fogo apontada para a sua cabeça, enquanto ela autografava livros e cumprimentava apoiadores. Por motivos ainda desconhecidos e talvez até enigmáticos, a arma falhou.

De um lado da população, os que acreditaram no fato e o interpretaram como ameaça política. São os que saíram a manifestar seu repúdio, apoio e solidariedade, caminhando lado a lado, embandeirando as ruas das cores azul e branco, fluindo tão pacífico quanto bravo pode ser “a-mar”. Do outro lado, os que desacreditaram do fato e o tacharam de circo. São os que ficaram disparando mensagens cheias de ódio pelas redes, se agrupando nesse espaço virtual, agredindo, sem querer saber de nada além de odiar.

No meio, ficou se abrindo, de modo cada vez mais visível, a fissura social promovida pelas políticas de segregação e injustiça social, comandadas pelo ódio e a ignorância.

Pelos caminhos abertos por Freud, sabemos do inconsciente, da subjetividade, do sujeito dividido. Na clínica, no caso a caso, dentro da regra da associação livre, o paciente fala do seu mal-estar, sofrimentos, sonhos, fala sem saber da verdade que traz nas suas palavras, sem saber o que deseja.

Em seus seminários e escritos, Lacan traz algumas contribuições da filosofia. No Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, no marco do conceito da transferência, Lacan inclui a ignorância para situar com o amor e o ódio as três paixões fundamentais do ser, como “pontos de junção, pontos de ruptura, cristas que se situam entre os diferentes domínios em que se estende a relação inter-humana, o real, o simbólico, o imaginário.” (LACAN, 1953-54, p. 314). Não está falando da realização do ser, senão das vias de realização, situando o sujeito na dimensão da ignorância, por ele se engajar na pesquisa da verdade.

O paciente em abertura para a transferência procura saber do seu sofrimento, dirigindo-se ao analista. “A posição do analista deve ser a de uma ignorância docta, o que não quer dizer sabia, mas formal, e que pode ser para o sujeito, formadora” (LACAN, 1953-54, p. 317). O sujeito caminha com o analista nas vias de acesso a um saber.

Em relação ao analista também convém considerar a ignorância. Não se deve desconhecer o que Lacan considerou como poder de acesso ao ser da dimensão da ignorância, uma vez que o analista responde àquele que o interroga nessa dimensão.

Voltando ao fato do ataque público antes mencionado, não se consegue alcançar o caráter traumático dessa situação concreta vivenciada pelo sujeito. Há muitas dimensões em jogo. Essa arma de fogo, apontando para a cabeça da mulher/vice-presidenta de uma república, pode evocar o real da angústia, para além da governante. Não foi apenas uma ameaça a sua vida! Foi também um ataque contra um posicionamento político, uma tentativa fracassada de aniquilar as ideias, matando quem as representa.

Evoca a carta publicada em “Por que a guerra?”, na qual Freud (1933) responde a Einstein a respeito do grave problema da guerra, apresentando uma dualidade pulsional em sua teoria das pulsões: a pulsão de vida, que tende a preservar e a unir; e a pulsão de morte, que responde pela destruição. Se o desejo de aderir à guerra é efeito de Thanatos (pulsão de morte), a recomendação mais evidente será contrapor o seu antagonista, Eros (pulsão de vida). Tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos de amor entre os homens tende a atuar contra a guerra. A psicanálise não tem motivo por que se envergonhar, se nesse ponto falar de amor...

E mais adiante: “Penso que a principal razão por que nos rebelamos contra a guerra é que não podemos fazer outra coisa. Somos pacifistas” (FREUD, 1933[1932], p. 198). “E quanto tempo teremos de esperar até que o restante da humanidade também se torne pacifista? Não há como dizê-lo. Por quais caminhos ou por que atalhos isto se realizará, não podemos adivinhar. Mas uma coisa podemos dizer: tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra” (FREUD, 1933[1932], p. 198). E nós psicanalistas, o que podemos fazer? Continuar fazendo a psicanálise existir, trilhando novos caminhos. “Abram também seus ouvidos às canções populares, aos maravilhosos diálogos das ruas. Neles vocês recolherão o estilo através do qual o humano se revela no homem e o sentido da linguagem sem o qual vocês nunca libertarão a fala” (LACAN, 1953, p. 152).

Precisamos continuar nos ocupando do que não anda bem.

E o que não anda bem é o Real.

Referências:

LACAN, J. (1953). “Discurso de Roma”. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.  
LACAN, J. (1953-54). O Seminário, livro 1: “Os escritos técnicos de Freud”. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1996.  
FREUD, S. (1933[1932]) “Por qué la guerra?” (Einstein y Freud). In: Obras Completas – Tomo 22 – Amorrortu Editores

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Região dos Lagos/RJ.

stylete lacaniano. ano 7. número 22.

[voltar](#)

## Prelúdio XIX A PAIXÃO SEGUNDO MD[1]

*Dominique Touchon Fingermann*

*"O vento sopra do continente ele repele  
o oceano  
As ondas lutam contra o vento  
Elas avançam  
abrandadas por sua força  
e pacientemente chegam  
na murada  
Tudo é se esmaga  
Te amo mais longe que você  
Amarei qualquer um que me ouvir gritar  
Que te amo" [2]*

"A paixão segundo MD", título que evoca o romance A paixão segundo GH, de Clarice Lispector, anuncia uma fraternidade entre essas duas escritas, duas mulheres que vagarão a vida toda em torno da "palavra furada" que as cativa, que as exila. Um arrebatamento assustador, que não cessará. Sempre recomeçado, tal como o mar – o mar sempre excessivo, que acompanha em contraponto, em surdina, em estrondo, essa paixão de Marguerite Duras pela escrita. MD passará a vida refazendo esse pas de l'écriture, esse passo da escrita que excede o silêncio e o grito.

A extensão infinita do mar, assim como seu estrondo e suas dolorosas reviravoltas, ao mesmo tempo velam e revelam esse silêncio e esse grito no princípio da paixão de escrever.

ISSO NÃO CESSA DE NÃO SE ESCREVER

A paixão segundo MD é sua maneira própria de fazer ressoar, aqui e ali, o eco de um grito. Mesmo quando as palavras, os silêncios e até a música, esboçam, cambaleiam, sibilam aqui e ali e se esforçam para fazer ouvir modulações intermediárias, é o grito que atravessa nossas sensibilidades. Horroriza-nos, faz-nos estremecer: "uma incerteza trêmula". [3]

Disse a mim mesma que escrevíamos sempre sobre o corpo morto do mundo e, da mesma forma, sobre o corpo morto do amor. Que era nos estados de ausência que o escrito se precipitava para nada substituir, mas para daí consignar o deserto por ele deixado daquilo que fora vívido ou que supostamente havia acontecido. [4]

Ela diz escrever no espaço entre – entre a música e o silêncio, uma escrita do suspiro. O grito é abafado, amortecido como um suspiro.

Nos topamos com a sua teimosia em querer dizer o impossível de se dizer; de porto em porto, de livro em livro, seu estilo transporta a repetição, a ressaca, o repisar desse labor que constitui sua obra. E isso pode incomodar.

Ela irrita, como sabemos, mas também captura, cativa, suspende: deslumbramento.

Será o silêncio? A música? Aquelas palavras do dia a dia que caem, assim, como se nada? Ou ainda sua intermitência, seu ritmo inusitado e sua repetição, que cava, no coração das palavras, a ressonância de sua terrível insuficiência? Ou será a quebra brutal das frases, as suspensões inesperadas, as indisciplinas gramaticais, que nos fazem voltar sempre a essa "prática da letra[5]" que vai esmiuçando para nós os vestígios desses tempos imemoriais, inesquecíveis?

É possível ouvir novamente a valsa de Brahms op. 39 n°15[6] sem ouvir a dilaceração de Agatha, sem sentir aimensidão do mar, seu peso, seu mistério, que separa definitivamente de todo o senso comum?

É possível ainda olhar para o mar, seus abraços cada vez mais vastos, sua planura infinita, sem nos deixarmos dominar pela impossibilidade de dizer, até que as palavras de Marguerite Duras caiam em cima de nós?

Hoje o mar está ruim, sem mais. Ontem havia uma tempestade. Ao longe, ele está salpicado de cacos brancos. De perto, é todo branco, branco em abundância, ao infinito, dispensa grandes braçadas de brancura, abraços cada vez mais vastos como se recolhesse, carregasse para seu reinado um misterioso pasto de areia e luz. [7]

É como o gozo. Nada que preste pode ser dito sobre ele.

Um grito suspenso, contido, estrondoso, que, todavia, fura a escrita: travessia.

Ela furou o mar com seu corpo e desapareceu no buraco d'água, o mar se fechou novamente. Até onde a vista alcançava, não se viu nada além da superfície nua do mar, ela se tornara não encontrável, inventada. Então, de repente, ele se levantou na pedra branca. Chamou. Um grito. [8]

O grito fura a escrita, de um lado ao outro.  
Grito de amor – de ódio – de desolação – de ignorância, antes de tudo.  
Somos tomados pela paixão, não a decidimos, nem a calculamos.  
Somos dominados por essa paixão por Dizer. Tem que ser dito... ou pior.

MD, A PAIXÃO DA IGNORÂNCIA

A ignorância impõe-se como o enigma do Outro, do Sexo, da Loucura, da Mãe; o enigma do ser, sempre recomeçado. O enigma, cúmulo do sentido.

Nos confins do fôlego, nos confins do sentido está o canto da mendiga, como um uivo que se modula em gemido, que atravessa livros e filmes de MD: estranheza encarnada, nua e crua.

O enigma – paixão da ignorância – empuxa ao cúmulo, ao amor, ao ódio.

Amo em você mais que você, o que escapa ao meu saber, tomo para mim, te amo, diz ela. Surprise, éprise, méprise – surpresa, deslumbrada, ludibriada.

O que em você escapa ao meu saber, a minha posse, eu o odeio mesmo, então te prendo, te devoro, te mato.

Destruir – diz ela.

Ou escrever, ainda, sempre. Levar o dizer até seus extremos, seus estremecimentos, seus excessos. Como um grito.

À corps perdu, perdidamente. Sem eira nem beira.

A corrida das ondas no vento, quem a dirá?[9]

Ao longo deste verão de 1980 – em que MD olhará tanto para o mar, a perder de vista – o seu mistério a preservará – viva, pois solicitará, mais que nunca, a urgência do Dizer. Sua impudência fará valer este dizer. Não dá para não esbarrar na impudência de MD. Ela exaspere, dizem; todavia, os excessos, os descarrilamentos, os estiramentos de sua letra repentina, de sua gramática escandalosa e de sua poética sem pé nem cabeça, tornam irresistivelmente presente essa impudência, ou seja, essa coragem sem vergonha de fazer o dizer passar à escrita.

O mar se tornou, a perder de vista, o teatro da chuva.

Essa força do mar, não a conhecemos bem. Estamos apenas começando a conhecê-la.





A ignorância começa cedo, desde o início dos balbucios; ela se apresenta para cada um, nos percalços da existência, de maneiras tão diversas.

As ficções de MD insistem em testemunhar, aqui e ali, as emergências variadas da ausência de saber absoluto sobre a Coisa que as coisas da vida, suas contingências, fizeram ricochetear, aqui e ali. A morte do pai, o desamparo da mãe, seu pesar infinito, seu dilaceramento, o mar que transborda e invade os arrozais, o rompimento das barragens, a traição um dos outros, a brutalidade do irmão mais velho, a perplexidade do irmão caçula, a paixão teimosa do jovem chinês, o desejo impensável, o excesso do sexo, de novo e sempre, e sempre recomeçado, desde o início.

Até o fim. C'est tout. Só isso.[10] Diz ela.

O céu estava desnudo e branco, o mar, porém, ainda era pura fúria. Ficou muito tempo assim, nesse estado, você sabe, nesse estado noturno de aberração e vaidade, insone e velho. Debateu-se por muito tempo na luz que o iluminava, como se tivesse que completar esse imbecil esmagamento de suas próprias águas, presa de si mesmo, de uma grandeza inconcebível. Como no primeiro dia, ele levava para a praia as braçadas brancas de sua raiva, trazia-as de volta para si, como se deve, como um animal, as águas, como o passado, as cinzas dos mortos.[11]

MD, A PAIXÃO DO AMOR

Hiroshima, mon amour, L'Amante anglaise, L'Amour, L'Amant, L'Amant de la Chine du Nord etc.: ela não tem vergonha de dizer do amor, e anunciar nos títulos de seus livros, a sua constância inabordable. E no entanto, as palavras – há tantas, há muitas, demais.

É louco o quanto posso te amar  
O quanto posso te amar às vezes  
Às vezes, queria gritar  
Porque nunca amei... [12]

Paixão suspensa, amor à beira do abismo, retido.

Há até mesmo um livro de 1971 que leva esse nome, L'Amour: um livro curioso, em que os passos incansavelmente deambulam pelo beira-mar, vaivém, idas e vindas, entrecruzamentos – um homem, uma mulher, um terceiro homem: pas possible.

Stein, Alissa, Elizabeth Alione, Max Thor: esconde-esconde, passe anel, de Détruire dit-elle.

O Baile de Calcutá, Lol V Stein, Anne Marie Stretter, Michael Richardson.

O baile de Índia Song e o paso doble de Alessio, que pontua suavemente um improvável pas de deux, Delphine Seyrig, o vice-cônsul, o adido cultural... até o desastre.

E também, havia Lol no campo de trigo, constantemente redescobrimo esse arrebato no amor extremo de Tatiana Karl e Jacques Hold...

Amor em abismo, ainda e sempre.

E sempre, para além de toda razão, os nomes próprios do amor: Emily L, Vera Baxter, Aurelia Steiner, Aurelia Steiner, Aurelia Steiner...

Não há mais vento, mesmo no beira-mar. Ele está baixo, distante, pode-se adivinhar a extensão opaca das areias, mal se ouve o arfar de suas ondas que caem, no silêncio de longe em longe, seu resfolego.[13]

Pas de deux, pas possible, o amor de Aurelia Steiner no quadrado branco do campo de Auschwitz.

Hiroshima, meu amor: oximoro fundamental da violência do amor, sempre e por toda parte, tensionado para além da impossibilidade de vivê-lo.

O amor, no entanto, persiste aqui e ali, ele assombra todas as paisagens, arde em todas as praias do impossível, de Les petits chevaux de Tarquinia às paisagens devastadas de S. Thala.

MD, extenuante, vai pôr em jogo as chicanas e arcanos do amor com todas as suas inflexões possíveis, como Beethoven havia declinado as 33 variações[14] da Valsa de Diabelli, que Duras nos apresenta, aqui e ali, nas curvas de seus textos.

Variedade do amor, caminhos diversos da verdade própria de cada um, variações do mar incansável, invariável, inverossímil.

O tempo estava encoberto e a tempestade chegara trazida pelo vento norte. Vento muito forte esse, maciço, sem trégua, um muro, liso e reto. E o mar revoltou-se novamente.[15]

O amor está sempre presente ali, entre a fuga e as escapatórias do desejo e as estâncias do gozo.

Por muito tempo, Marguerite nos fez passear pelas margens e pelas derivas do desejo.

Le marin de Gibraltar e Emily L. nos fazem atravessar os mares, sempre recomeçados. Em busca desse objeto único, definitivamente, essencialmente perdido, até o estilhaçamento.

Do mesmo quarto de onde lhes escrevo, ela esteve a noite inteira no escuro e maciço rugido do mar. Entre suas águas, deslocamentos se operavam, terríveis, estilhaçamentos, desabamentos colmatados ao surgirem, cuja violência desvanecia assim que a superfície era atingida, o ar mal tocado, na irrupção de uma enorme brancura.[16]

Em um dado momento, ela abandonou o pudor e, sem vergonha, decididamente escreveu o gozo. Forçosamente, impossível de escrever. O mar é alto, plano, sua superfície é lisa, perfeita, uma seda sob o pesado céu cinzento.[17]

As estâncias do gozo que transtornam o bom senso do desejo e deixam o amor em suspenso se mostram, por fim, em L'Amant, L'Amant de la Chine du Nord, La maladie de la mort, L'Homme assis dans le couloir.

Os ditos tornam-se tensos pela impudência do Dizer.

Venham ver, subitamente tudo está claro, o mar, o céu, o mar se enfurecia ao amanhecer, tornava-se mesquinho e sombrio, e aqui está agora, feliz. O mar não tem espírito, nem inteligência, nem coração, nada mais é que esse devir material, sem saída, sem fim. [18]

MD, A PAIXÃO DO ÓDIO

Ela não pronunciará essa palavra, mas reconhecemos Duras nessa paixão; ela dirá "a destestação ": da mãe, do irmão, até o Vice-consul e o horror pela lepra, seu crime abominável, o de L'Amant anglaise, e muito além, com L'homme assis dans le couloir.

Há também aqueles que morrem de amor, como o amante de Anne Marie Stretter, o jovem adido cultural, ou a de Elisabeth Alione.

O amor em desastre leva à morte, como o crime iniciático de Moderato Cantabile, que ressoa como um grito e sidera Anne Desbaredes até as bordas do desejo, a menos que se trate do abismo da morte vislumbrada, da loucura.

A tensão do amor é constantemente sustentada pelo desmoronamento, dilaceramento, arrancamento, desesperança, repulsa, aniquilação do outro, pela loucura. A violência extrema.

Você me mata,  
Você me faz bem  
Você me mata  
Me devore  
Me deforme até a feiura.[19]

O amor louco leva ao limite a sua impossibilidade, até o grito, o crime, como em Moderato Cantabile, como em Émilie L, em que o Capitão queima o poema de Emily porque aquelas palavras o ultrapassam, o confundem, o desconcertam, ele se perde nelas, se joga abismaticamente; ele a perde, queima o poema, e a acompanhará em sua deriva no decorrer da loucura do mar.

As marés de setembro estão ali. O mar está alvo, louco, louco de loucura, de caos, se debate numa noite contínua. Toma de assalto os quebra-mares, as falésias de argila, dilacera, eviscera o fortim, as areias, louco, como veem, louco.[20]

“Te amo e te dilacero”, dirá Alissa.  
Destruir, diz ela.

A luz já se abrandava, o mar estava cinza sob o céu descolorido e vazio, era como se trabalhasse, já estranho, sim já trabalhando, fazendo vento, frio. [21]

“Que o mundo vá à ruína”. [22]

ISSO NÃO CESSA DE SE ESCREVER

“Nunca fiz um livro que não fosse uma razão de ser enquanto está sendo construído... Quaisquer que fossem os livros, por toda parte, mas essa PAIXÃO, descobri, aqui... O que fazer com a solidão que vivia nesta casa... O que fazer, talvez escrever.

...É cair num buraco, no fundo de um buraco de solidão quase total, e descobrir que só a escrita te salvará.

Ficar sem nenhum assunto para livro, não pensar em nenhuma ideia de desenvolvimento de um livro, apenas a escrita, seca, nua, assim, terrível, terrível de superar”. [23]

A paixão pela escrita é a paixão pelo significativo e sua inexorável perda.

Sempre esse tempo perfeito, esse mar plano, de um azul terno nos lugares mais escuros. Uma tempestade borra a cor e as linhas tão claras, mas passa rápido e o azul está lá novamente, a planura milenar do mar.

Referências:

- [1] Em referência ao título de Clarice Lispector, A paixão segundo GH.
- [2] Duras, M. Les mains négatives.
- [3] Duras, M. Détruire, dit-elle.
- [4] Duras, M. L'Été 80.
- [5] Lacan, J. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. XX
- [6] Kantorov, A. Ver: <https://youtu.be/d-9QysgjG28>
- [7] Duras, M. L'Été 80
- [8] Duras, M. Savannah Bay
- [9] Duras, M. Emily L.
- [10] Duras, M. C'est tout.
- [11] Duras, M. L'Été 80.
- [12] Piaf, E. Les mots d'amour – Música de Savannah Bay
- [13] Duras, M. L'Été 80.
- [14] Beethoven, L. Variations Diabelli
- [15] Duras, M. L'Été 80.
- [16] Duras, M. L'Été 80.
- [17] Duras, M. L'Été 80.
- [18] Duras, M. L'Été 80.
- [19] Duras, M. Hiroshima, mon amour.
- [20] Duras, M. L'Été 80.
- [21] Duras, M. L'Été 80.
- [22] Duras, M. Le camion.
- [23] Benoît Jaquot. Écrire, o filme

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum São Paulo.  
*stylete lacaniano. ano 7. número 22.*

voltar

## Prelúdio XX As paixões de Portinari

*José Maurício Loures*

*"É preciso haver uma mudança, o homem merece uma existência mais digna. Minha arma é a pintura."  
(Cândido Portinari, 1945)*

Cândido Portinari (1903-1962) é o autor da obra intitulada Guerra e paz, escolhida como imagem para representar o XXII Encontro Nacional da EPFCL-Brasil.



Filho de imigrantes italianos, de origem humilde, Portinari nasceu em uma fazenda de café perto do pequeno povoado de Brodowski, no estado de São Paulo. Começou a pintar aos 9 anos e, aos 15 anos partiu para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Escola Nacional de Belas Artes. Após conquistar um prêmio com o Retrato de Olegário Mariano, foi a Paris, onde permaneceu de 1930 a 1931. Ao retornar da França, direcionou o seu fazer artístico a uma incansável experimentação plástica ligada à sua história, seu país e ao drama humano. Representou, além da flora e fauna brasileiras, o homem popular no trabalho, em suas manifestações festivas e místicas, na expressão de sua sensualidade, na miséria, em suas dificuldades e em sua dor. Portinari foi um importante nome do Modernismo brasileiro, com obras predominantemente figurativas que flertam com o abstracionismo geométrico.

Na década de 1940, com a eclosão do nazifascismo e os horrores da guerra, as expressões artísticas de Portinari passaram a assumir contornos mais políticos. Foi nesta época que o artista deu início a uma série de cartazes com temas associados à guerra, em grande parte compostos para campanhas da Legião Brasileira de Assistência (LBA), a convite da primeira-dama Darcy Vargas. A LBA tinha como objetivo ajudar as famílias dos soldados enviados à Segunda Guerra Mundial, contando com o apoio da Federação das Associações Comerciais e da Confederação Nacional da Indústria. Naquela mesma época, passou a compor telas e murais com uma nova proposta de formalização estética: elementos modulares como quebra-cabeças cromáticos que sugerem aproximação com o Cubismo. Em maio de 1946, a revista portuguesa Vértice publicou entrevista com Portinari, na qual ele afirmou: "Sim, Picasso fulmina-me".

Com a saúde condenada pela intoxicação das tintas, que continham metais pesados, Portinari, de 1952 a 1956 dedicou-se à pintura dos painéis Guerra e Paz, encomendados pelo governo brasileiro para presentear a Organização das Nações Unidas (ONU). A obra foi realizada com o apoio dos pintores Enrico Bianco e Maria Luiza Leão e é composta por 28 painéis pintados durante nove meses, depois de quatro anos de estudos, com a elaboração de 180 esboços e duas maquetes. Cada mural mede 14 metros de altura e aproximadamente 11 metros de largura. Foram constituídos de placas de madeira compensada naval com dois metros de altura por cinco metros de largura cada uma, pesando 75 quilos cada placa. A área total pintada perfaz 280m<sup>2</sup>, comparativamente maior do que a obra o Juízo Final, de Michelangelo, localizada na Capela Sistina (167 m<sup>2</sup>).

Para Portinari (1947), a pintura em mural é a mais adequada para a arte social, porque o muro geralmente pertence à coletividade e, ao mesmo tempo, conta uma história, interessando a um maior número de pessoas. E que história os painéis Guerra e Paz nos contam?

No painel esquerdo, Guerra, não encontramos armas, soldados em combates, mas os clamores das vítimas. Há pessoas de joelhos com os braços erguidos ou encurvados com as mãos espalmadas, ou, ainda, em prantos com as mãos no rosto. Cadáveres adultos são velados e mulheres têm nos braços crianças mortas. Representação da dor, que é singular de cada sujeito, mas expressada pela coletividade.

No painel direito, em cores luminosas, Paz, são representados a dança, o canto, o trabalho e os jogos infantis. O artista evoca cenas da vida simples do homem do interior, na colheita, na festa, nas crianças a brincar por toda parte. Para Portinari, "Passaram os acontecimentos; só não passam os sonhos". É perceptível a compreensão e o fascínio do pintor pela infância, representada pela inocência, pela esperança de um mundo novo e melhor.

Ao concluir os painéis monumentais, Portinari os apresentou com a seguinte frase: "Os painéis Guerra e Paz representam sem dúvida o melhor trabalho que eu já fiz. Dedico-os à humanidade." Em 1956, os painéis foram instalados na sede da ONU, em Nova York: Guerra, na entrada da Assembleia Geral; e Paz, na saída, servindo de lembrete aos líderes mundiais sobre o que está em jogo durante as assembleias e qual o objetivo final que se busca: transformar guerra em paz.

A escolha dos painéis de Portinari, Guerra e Paz, para ser a imagem do XXII Encontro Nacional da EPFCL-Brasil sobre "A psicanálise e as paixões do ser: amor, ódio, ignorância" reafirma, com as reflexões, debates e trocas de saber pretendidas em nosso Encontro, a aposta na psicanálise e no seu potencial de causar inconformismo, questionamento e desejo de mudança, na possibilidade de uma tomada de posição contra o estado atual das coisas. Esse é mais um passo para transformar e doar mais dignidade ao momento atual.

Dados do autor: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Rio de Janeiro.

## Prelúdio XVIII

### A paixão da ignorância

*Vera Kemper*

Dentro da proposta do XXII Encontro Nacional da EPFCL-Brasil de interrogar as paixões do ser: amor, ódio e ignorância, me coloquei a interrogar a paixão da ignorância.

Lacan, ao iniciar o seminário O saber do psicanalista, fala da ignorância como uma paixão, que para ele não é uma menos valia e nem tampouco um déficit. A ignorância, nos ditos de Lacan, é outra coisa, a ignorância está ligada ao saber. (LACAN 1971-72, p.12)

Lacan sublinha a ignorância, que retira do renascentista Nicolau de Cusa, como a “douta ignorância”, ou seja, o saber mais elevado. É uma maneira de fazer dela um saber estabelecido. É essa correlação em particular da ignorância com o saber que vai nos interessar. A tese de Lacan sobre o enigma do saber é complexa, e ele próprio diz em Mais, Ainda que “o saber, ele é um enigma” (LACAN, 1972-73, p.188). Ainda nesse seminário, para Lacan, “o saber é o que se articula” (p.188) certamente nos ditos da fala, daí a noção de um saber falado. Ele tem sua morada na língua, mas não basta um conjunto de significantes para fazer o que chamamos de saber, pois o saber se situa no nível do gozo. A fórmula do enigma é que o saber se goza.

Lacan fala em O saber do psicanalista que “mudar o assentamento do saber” (p. 13) não é uma coisa que acontece de um dia para o outro e deseja “boa sorte” para aqueles que tiverem a “boa inspiração” de segui-lo. Em relação a essa questão, estamos acostumados pela experiência a perceber que não é necessário compreender algo para que esse algo mude. “A questão do saber do psicanalista não é absolutamente que isso se articule ou não, a questão é saber em que lugar é preciso estar para sustentá-lo.” (p. 24)

Nos seus Escritos (p. 472), Lacan sublinha que para um analista operar “não se trata de nível mental, naturalmente, mas do fato de que a ordem simbólica só é abordável por seu próprio aparelho. Pode-se fazer álgebra sem saber escrever? Do mesmo modo, não se pode tratar o mínimo efeito de significante, nem tampouco enfrentá-lo, sem pelo menos desconfiar do que está implicado num fato de escrita.” Para ficar mais claro, com Freud em “Análise terminável e interminável”, aprendemos: “Mas onde e como pode o pobre infeliz adquirir as qualificações ideais que necessitará sua profissão? A resposta é: na análise de si mesmo, com a qual começa sua preparação para a futura atividade.” (FREUD 1937, p.265). Se, com Freud, aprendemos que a própria análise do analista é a condição para seu futuro exercício, para Lacan, toda análise quando levada a seu término produz um analista, com a condição que lhe advenha um desejo inédito sem o qual poderá até ter havido um final de análise, mas nenhuma chance de haver psicanalista.

Apesar de Freud usar o termo profissão, tornar-se analista não é uma escolha profissional, mas uma virada ou uma passagem que só se realiza no interior de um processo analítico, uma metamorfose do sujeito. O que permite ao analista abrir mão de sua condição de sujeito na condução da análise é o processo que em sua própria análise o levou a destituição subjetiva quando do seu término. Quinet (1991, p.103) diz que outra maneira de abordar essa metamorfose é o que Lacan designou por travessia da fantasia. Atravessar a fantasia fundamental não significa eliminá-la, e sim percorrê-la para que o sujeito possa experimentar-se nos dois polos que ela encerra: o do sujeito e o do objeto.

Como sujeito, foi isso que ele fez o tempo todo em sua análise: experimenta-se como faltante, como aquele a quem falta o complemento que a fantasia preenche. A travessia da fantasia corresponde à destituição subjetiva, pois significa essencialmente ir para além dela, para que o sujeito se reconheça num “sou” conectado ao objeto – objeto que subverte o sujeito. “A destituição subjetiva”, segundo Colette Soler, em Os afetos lacanianos, é fazer o sujeito reconhecer-se como objeto. A travessia da fantasia corresponde à destituição subjetiva, na medida em que é a fantasia que sustenta a instituição subjetiva: a posição do sujeito na fantasia, ou seja, sua relação com o objeto é assegurada por suas identificações. A fantasia é o que dá o enquadramento do sujeito com a realidade: sua janela para o mundo.

É percorrendo os meandros de uma análise levada a seu termo que o analista se vê liberado das amarras das identificações que mapeavam sua realidade. Nesse momento, nada pode escamotear a castração. Esse sujeito destituído encontrará sua certeza em seu ser de objeto. E, ao final do percurso de análise, pode ocupar a posição da “douta ignorância”, a do saber mais elevado, “que não quer dizer sábia, mas formal, e que pode ser para o sujeito formadora.” (LACAN 1953-54, p.362)

Enfim, o que permite o analista abrir mão de sua condição de sujeito para consentir com o lugar de semblante de objeto a na condução de uma análise é o processo que em sua própria o levou à destituição subjetiva quando de seu término. É na passagem de psicanalisante a psicanalista, momento de passe, que podemos apreender melhor o desejo de saber, antes entravado pela neurose. A destituição subjetiva e a travessia da fantasia criam a possibilidade do ato analítico, dado que no ato não há sujeito.

É essa correlação particular da ignorância com o saber que vai levar Lacan a dizer que não é o amor e nem o ódio, mas a ignorância que está no topo das paixões do ser, e faz dela a única paixão digna do analista. Mas não é a paixão que faz o analista operar, mas o desejo do analista e seu saber.

Como ocupar esse lugar sem ter ele mesmo passado pela experiência em sua própria análise de reconhecer-se como objeto de gozo, causa de horror e desejo? O que foi causa de seu horror de saber se torna nesta passagem de psicanalisante a psicanalista a causa de seu novo desejo de saber. Esse mais-de-saber é o que Lacan designa como o “gaio saber” (gay sçavoir), que tem como correlativo afetivo não a paixão da ignorância, mas o entusiasmo. É no longo percurso de uma análise, “desembaraçado” do sujeito suposto saber, confrontado com a castração, sabendo que não se pode chegar a “um tudo saber”, que a castração, nesse momento de virada, incide no saber. Não mais como “nada – de – saber”, mas como “nada – de – saber – tudo”. A falta no saber é constitutiva desse novo desejo – desejo de saber – cuja causa é o objeto a caído da fantasia, objeto irremediavelmente perdido. Esse desejo de saber não se dirige mais ao Outro; não é nem desejo do Outro nem tampouco desejo ao Outro, pois não há mais Outro.

O saber é então saber sem Outro, um saber solitário, saber de solidão. Em compensação, a dimensão do desejo causado pelo objeto a é acentuada, condição de emergência de um novo saber que causa entusiasmo – sem o qual, não há analista.

Fico por aqui com a esperança de encontrá-los em Curitiba para juntos continuarmos a refletir acerca do tema do Encontro Nacional. Até lá!

Juiz de Fora, 3 de outubro de 2022.

Referências:

- Freud, S. (1937). Análise terminável e interminável. Vol. XXIII Ed. Standard Brasileira das Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro : Imago, 1987.
- Lacan, J. (1971-72). Seminário, O saber do Psicanalista. Publicação interna do Centro de Estudos Psicanalíticos do Recife.
- Lacan, J. (1953-54). Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- Lacan, J. (1966). “Situação da psicanálise e a formação do psicanalista em 1956”. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1964). Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- Lacan, J. (1972-73). Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- Lacan, J. (1973). Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- Quinet, A. (1991). As 4+1 condições da análise. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- Soler, C. (2022). Os afetos lacanianos. São Paulo: Aller, 2022.

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Juiz de Fora.

stylete lacaniano ano 7 número 22.

voltar

## Prelúdio XXI

### Do ab-senso ou ... confundir a função com o órgão

*Sandra Berta*

Em O Aturdido, Lacan nos adverte do "racismo do discurso em ação"[1]. Dito racismo refere-se a confundir a função (fálica) com o órgão (pênis).

Definamos a função fálica como aquela que denota o gozo marcado por um limite, qual seja, o da castração. Desse gozo fálico, Lacan fará sua lógica, aquela que conjuga o não-todo (contingência), que define que não todo x está concernido pela função fálica, com a negação da exceção e a negação da função (impossibilidade), que define que não existe x que não esteja concernido pela função fálica.

O Discurso do analista não faz uma negação sistemática dessa dit-mention do não-todo. O mesmo "paratodiza na contramão"[2], pela contingência e pela impossibilidade, aquilo que cairia – o que se a-fundaria – na exceção (necessário) que funda o paratodo (universal reduzido ao possível). Temos que diferenciar a exceção, que modaliza um dizer que não, dos discursos que fazem da exceção o asilo da alteridade fantasmática.

Alteridade fantasmática que é a mira do ódio e que muito bem define Rithée Cevasco "esse outro que teria nos roubado o que a estrutura nos impõe como 'falha', como 'falta', como gozo sempre descompletado pela castração, malgrado os objetos mais-de-gozo que ponhamos nos dentes ou sob nossos olhos"[3]

Se o discurso do psicanalista se paratodiza na contramão é porque "lhe sucede encerrar o real em seu circuito"[4]. Precisamente, é o discurso que tem em conta a impossibilidade e a impotência de cada discurso. O discurso do analista não se fecha no significado, produz o ab-senso (ab-sense) pelos quartos de giros dos discursos, em sentido levógiro.

Ab-senso que desfaz a consistência das significações que predicam dessa alteridade fantasmática. Ab-senso que questiona o conjunto de significações que pretendem argumentar sobre essa paixão primária: o ódio ao Outro. Ab-senso que põe o peso da balança nem tanto na diferença (o que levaria ao narcisismo das pequenas diferenças, com tudo o que nele se articula de identificação), mas naquilo que se refere ao gozo, a ser entendido nas suas diferentes versões.

O racismo dos discursos em ação refere-se a essa consistência de significação. O ab-senso vai na contramão. Não confunde a função com o órgão (aqui entendido como o conjunto das significações).

O ab-senso não é o sem sentido.

Advertência para os tempos que correm: produzir do ab-senso poderia fazer do analista o que Lacan apontara em 1967: guardião da real(idade) coletiva.

Referências:

[1] Lacan, J. (1973) O aturdido. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 463.

[2] Ibid., p. 463.

[3] Cevasco, R. La discordancia de los sexos. Perspectivas psicoanalíticas para un debate actual. Barcelona: S&P Ediciones, 2010, p. 135.

[4] Lacan, J. Op. cit., 463.

Dados do autor: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum São Paulo.

stylete lacaniano, ano 7, número 22.

[voltar](#)

## Prelúdio XXII

### As paixões do ser: amor, ódio, ignorância

*Sonia Alberti*

Podemos interrogar o amor, o ódio e a ignorância, a partir da disjunção formalizada por Lacan em O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, do ser com o sentido, para avançarmos sobre o tema deste nosso XXII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil, ou seja, o das paixões do ser.

Foi a partir da interseção de ambos esses conjuntos, o do ser e o do sentido associado então por Lacan ao Outro, que, três seminários depois, ele pode instituir não haver ser sem o Outro, lugar do penso, e que ninguém pode afirmar ser "penso" – cogito, na acepção cartesiana do termo –, sem que algo do ser esteja presente na afirmação, porque o significante afeta o afeto, como escrevia Colette Soler em 2011. Se as paixões são do ser, não podem ser sem o Outro.

Impossibilidade que aponta para uma necessária incompletude, teorizada por Freud como castração. Mas é justamente essa impossibilidade –  $S(A)$  – que a experiência passional colmata, atribuindo ao Outro imaginariamente uma consistência de ser que lhe falta. Emanada, portanto, de um movimento contrário ao da angústia, afeto que, como sabemos, surge justamente no momento em que a falta se torna mais presente como objeto a, de modo que a angústia foi mesmo conceituada por Freud como de castração. Por ser da "estrutura do Outro constituir um certo vazio, o vazio de sua falta de garantia", como observa Lacan em seu Seminário sobre a Angústia, esta se dá por consequência dessa falta de garantia. Aliás, é porque essa é a estrutura do Outro que dela cai o objeto a, o da angústia por excelência.

Acompanhamos, ao longo dos últimos meses, a série de Prelúdios de autoria de diversos colegas, divulgados na Rede de EPFCL-Brasil, nas redes sociais e em nosso site, nos inspirando e reforçando o convite da Comissão Científica para apresentação de propostas de trabalho, versando sobre o tema do Encontro. Com uma nova metodologia, na qual privilegiaremos o encontro e o debate, abordaremos cada uma das paixões, assim como a articulação das três com o que Lacan desenvolveu quanto ao ser. Não sem levar em conta a clínica da questão, que, entre outros, pode abordar tanto os efeitos do apaixonamento amoroso na transferência ou como sintoma; o ódio como destino do que Lacan associou ao cacon grego em sua conceituação da agressividade, ou ainda a ignorância, que a leitura de Linsey McGoey associa como estratégia de poder na política do big business. Com efeito, essas três paixões identificadas por Spinoza, são atualmente estratégias que visam destruir a dúvida – novamente cartesiana –, na vertente que Antonio Quinet cunhou de ignoródio, e cabe a nós, psicanalistas, retomar a importância dela em prol de um pensamento não totalitário, de experiências plurais, e do valor da letra (lettre) em detrimento da consistência de o ser (l'être). E nessa direção já sugerimos a todos a leitura do Seminário Mais ainda..., no qual Lacan introduz as bases do que, nos anos subsequentes, chamará de inconsciente real, articulado à inércia da linguagem – lalíngua. Na contramão do Outro-sentido, ou do inconsciente saber, trata-se aqui do Outro que não sabe nada. Se o inconsciente-saber abriu as vias para a interpretação psicanalítica a partir da transferência que é, antes de tudo, amor ao saber, Lacan nos adverte: o ódio é dessuposição de saber. Mas tal dessuposição exige o amor, pois ela se dá na articulação com a suposição. Novamente: não é possível dessupor sem suposição, assim como não é possível dizer-se ser, sem o "penso", daí o amoródio que, em francês, equivoca com enamoramento, em hainamoration. Por último, o desenvolvimento do tema também cria uma aposta nossa, para o final de análise, sobre a abertura em direção a um novo amor, como escrevia Rimbaud, que se daria já não na vertente da paixão e sim, do entusiasmo. Que este contagie a todos para participarem de nosso Encontro Nacional que, em breve, se inicia!

Dados do autor: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Rio de Janeiro.

*stylete lacaniano. ano 7. número 22.*

[voltar](#)